



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

RAFAEL DE FARIAS FERREIRA

**A MEMÓRIA COMO MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O CASO
DAS MULHERES RENDEIRAS EM SÃO JOÃO DO TIGRE**

**SUMÉ – PB
2017**

RAFAEL DE FARIAS FERREIRA

**A MEMÓRIA COMO MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS:
O CASO DAS MULHERES RENDEIRAS EM SÃO JOÃO DO TIGRE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.

**SUMÉ - PB
2017**

F383m Ferreira, Rafael de Farias.

A memória como método nas ciências sociais: o caso das mulheres rendeiras em São João do Tigre. / Rafael de Farias Ferreira. Sumé - PB: [s.n], 2017.

69 f.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Mulheres rendeiras – São João do Tigre - PB. 2. Renda renascença. 3. Memória. I. Título.

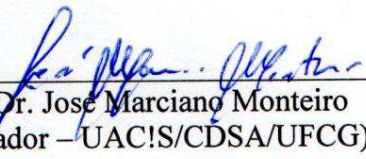
CDU: 746.2:930.2(043.1)

RAFAEL DE FARIAS FERREIRA

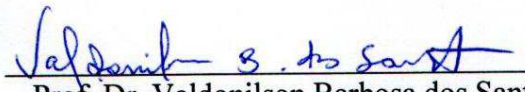
**A MEMÓRIA COMO MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS:
O CASO DAS MULHERES RENDEIRAS EM SÃO JOÃO DO TIGRE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. José Marciano Monteiro
(Orientador – UAC!S/CDSA/UFCG)



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
(Examinador Titular – UAC!S/CDSA/UFCG)



Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto
(Examinador Titular – UAEDUC/CDSA/UFCG)

Trabalho aprovado em: 11 de maio de 2017.

SUMÉ - PB

Dedico esta obra em nome de Deograça Jatobá de Oliveira, Maria Aparecida de Oliveira, Sônia Maria Saturno de Carvalho, Fátima Suelene de Oliveira Medeiros e Maria de Fátima Sousa Alves, as rendeiras do Cariri Paraibano que cotidianamente tecem suas tramas sociais em busca de dias melhores.

AGRADECIMENTOS

No poema “Memória”, Carlos Drummond de Andrade afirma que “*as coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão, mas as coisas findas muito mais que lindas essas ficarão*”. A beleza contida nas palavras de Drummond é trazida nesses agradecimentos como forma de imortalizar a partir da escrita, aqueles que se fizeram importantes nos processos de interação durante a minha trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e na feitura da pesquisa que gerou esse texto monográfico. Sendo assim, manifesto gratidão:

Aos primeiros companheiros de turma, Olavo Romão e Wandri Tadeu que bateram asas para outros voos e seguiram novos rumos que os distanciaram do ser docente. Mas, que seguem felizes pela vida.

As companheiras de jornada, Bruna Silvestre e Jessica Fyama, as quais, tive a honra de partilhar opiniões, ideias, risos, raivas e sonhos.

As companheiras Jucelânia Ferreira e Katiany Silva pelo olhar de acolhida e pelas boas conversas.

As companheiras de risadas e de alegria, Lau Mesquita, Thereza D’Avila, Luciana Souza e Maria José.

Aos professores do curso por terem proporcionado aprendizagens tão significativas, em especial, Vilma Soares de Lima, Valdonilson Barbosa dos Santos, Júnia Marússia Trigueiro de Lima, Isaac Alexandre da Silva, Sônia Maria Lira Ferreira, Valéria Andrade, Paulo César Oliveira Diniz, Sheylla de Kássia Silva Galvão, Maria da Conceição Gomes de Miranda e José Maria Nóbrega Junior.

A professora Idelsuíte de Sousa Lima pela gentileza do olhar e pelos ensinamentos que me fizeram compreender a minha incompletude enquanto sujeito. Muito obrigado!

Ao Professor Orientador José Marciano Monteiro por ter aceitado a difícil missão de me orientar e por sugerir novos caminhos de pesquisa.

A minha irmã de coração Wilza Borges que com o seu olhar mais que humano, fez me sentir feliz com suas conversas e companhia durante as noites de luar apreciadas no CDSA.

Ao casal Aristófanés Alexandre da Silva e Elenilda Sinésio Alexandre da Silva por partilhar comigo as suas experiências e seus conhecimentos.

Ao Professor Linduarte Pereira Rodrigues por ter enxergado a essência que me move para novos caminhos, que por vezes, são pedregosos, assim como as terras caririzeiras. Por me tirar constantemente da minha zona de conforto, por me fazer mais forte e por me guiar por direções tão enriquecedoras para minha formação humana.

As minhas flores de açucena Antônia Alves, Raissa Leite, Soraya de Farias, Fernanda Leite de Farias e Giovana Leite de Farias, mãe, mãe das minhas filhas, irmã e filhas, flores que perfumam o meu jardim.

Ao meu querido homem da terra que, por muito tempo, foi o homem das máquinas, meu pai, Elias Ferreira, que finalmente voltou a ser feliz por se conectar novamente com a terra.

Agradecer a elas que mudaram a minha vida, o meu mundo, pois é delas o espírito e o sentido desta pesquisa: as mulheres rendeiras paraibanas. Em especial a Deó, Bium, Sônia, Suelene e Fátima, inspirações que fizeram de suas narrativas um registro coletivo das tessituras de memória do “ser rendeira”.

O primeiro vestido que eu possuí foi adquirido através da renascença que teci com as minhas próprias mãos (Bium levanta as mãos. Na altura do ombro e se emociona). Comprei também, um chinelo. E daí eu não queria mais perder, porque eu vi que era de onde eu poderia me vestir. Por isso, até hoje, eu tenho as minhas outras atividades, mas não posso perder a renascença (MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA, 2015).

RESUMO

O estudo destaca o caso das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano que produzem a renda renascença, uma atividade artesanal têxtil originária da Ilha de Burano, em Veneza, na Itália, introduzida na região desde a década de 1930. Momento em que a região se beneficia sobremaneira com o fazer profissional produzido por essas rendeiras. Discute-se a memória na sua relação com a História. Apresentam-se, a partir do percurso histórico, as dimensões conceituais desenvolvidas em torno da memória e pontuamos como o conceito ganhou espaço importante nas pesquisas históricas e sociológicas. Autores como Loriga (2009), Duran & Bentivoglio (2013), Silva (2002), Macedo (2009) contribuíram para a construção teórica que permitiu compreender a relevância das interfaces manifestas na concepção de memória. Em seguida, mostramos o processo histórico que fundamenta conceitualmente a História Oral como ferramenta analítica utilizada para descrever o objeto escolhido. Alberti (2005), Amado & Ferreira (2006) e Santhiago & Magalhães (2013) são alguns dos teóricos que possibilitaram compreender a “fala” como status de documento oral. Com poucas referências históricas, que relatem as relações desenvolvidas em torno deste fazer artesanal, a pesquisa revisitou os espaços de vida e lembranças das rendeiras, a partir de um estudo qualitativo que reuniu técnicas interpretativas para descrever e explicar os componentes do sistema de valores que dão significados às práticas culturais da mulher do campo. As reflexões traçadas evidenciam o percurso histórico que concedeu a “fala” *status* de documento oral. Halbwachs (2003) e Rodrigues (2011) são alguns dos autores que colaboram para o exercício de pensar a memória das rendeiras, considerando as especificidades das tramas de cada história individual. Com efeito, evidenciam-se os aspectos humanos, dando notoriedade aos sistemas de ação e de objetos que se materializam nos seus gestos, nos modos de ser, de viver e de trocar bens, símbolos, serviços e sentidos.

Palavras-chave: Rendeiras. Renda Renascença. Memória.

RESUMEN

El presente estudio resalta el caso de las mujeres tejedoras de Cariri Paraibano que producen el encaje renacentista, una actividad manual textil originaria de la Isla de Burano, en Venecia, Italia, establecida en la región desde la década de 1930. Momento en que la región se beneficia demasiado con el hacer profesional producido por esas tejedoras. Se discute la memoria en su relación con la historia. Se presentan, a partir del recorrido histórico, las dimensiones conceptuales desarrolladas en torno a la memoria y puntuamos como el concepto ganó espacio importante en las investigaciones históricas y sociológicas. Los autores como Loriga (2009), Duran & Bentivoglio (2013), Silva (2002), Macedo (2009) contribuyeron a la construcción teórica que permitió comprender la relevancia de las interfaces manifiestas en la concepción de memoria. A continuación, mostramos el proceso histórico que fundamenta conceptualmente la Historia Oral como herramienta analítica utilizada para describir el objeto escogido. Alberti (2005), Amado & Ferreira (2006) e Santhiago & Magalhães (2013) son algunos de los teóricos que posibilitaron comprender el "habla" como status de documento oral. Con pocas referencias históricas, que relaten las relaciones desarrolladas en vuelta de este hacer artesanal, la pesquisa revivió los espacios de vida y recuerdos de las tejedoras, a partir de un estudio cualitativo que ha reunido técnicas interpretativas para describir y explicar los componentes del sistemas de valores que dan significados a las prácticas culturales de la mujer del campo. Los autores como Alberti (2006) y Amado & Ferreira (2006) han contribuido con la construcción teórica que trata de lo cerne del trabajo como historia oral. Las reflexiones elaboradas evidencian el rumbo histórico que concedió a "habla" *status* del documento oral. Halbwachs (2003) y Rodrigues (2011) son algunos de los autores que han colaborado para el ejercicio del pensar de las tejedoras, considerando las peculiaridades de la trama de cada historia individual. El estudio evidencia los aspectos humanos y geográficos del local, dando notoriedad a los sistemas de acción y de objetos que se materializan en sus gestos, en sus modos de ser, de vivir y de compartir bienes, símbolos, servicios y sentidos.

Palabras-claves: Tejedoras. Encaje Renacentista. Memoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01.	Casa da renda do município de São João do Tigre – PB.....	12
Figura 02.	Casa da renda do município de São Sebastião do Umbuzeiro – PB.....	12
Figura 03.	Participação das rendeiras em um encontro de mulheres no município de Mãe d'Água – PB (2005).....	14
Figura 04.	Acompanhamento do curso de aperfeiçoamento do Distrito de Santa Maria, no município de São João do Tigre - PB (2006).....	14
Figura 05.	Visita Técnica realizada pelo SEBRAE/Caruaru a ASSOARTI (2006).....	14
Figura 06.	Visita às rendeiras do Clube de Mães em Camalaú - PB (2006).....	14
Figura 07.	As principais posturas da história oral	24
Figura 08.	Risco finalizado	24
Figura 09.	Risco de base floral	25
Figura 10.	Vestido de aplicação	25
Figura 11.	Vestido branco.....	25
Figura 12.	Vestido com renda	26
Figura 13.	Risco de renda renascença alinhavado	27
Figura 14.	Ponto esteira	27
Figura 15.	Ponto sianinha	27
Figura 16.	Ponto telha	27
Figura 17.	Ponto caramujo	27
Figura 18.	Ponto amor seguro	27
Figura 19.	Ponto escama de peixe	27
Figura 20.	Ponto abacaxi	27
Figura 21.	Ponto aranha tecida	27
Figura 22.	Ponto vassourinha	30
Figura 23.	I parte de uma memória de ofício	30
Figura 24.	II parte de uma memória de ofício	31
Figura 25.	Acabamento de uma toalha de mesa	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O UNIVERSO DA PESQUISA E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	17
2.1 TECENDO AS TRAMAS HISTÓRICAS DAS MULHERES RENDEIRAS.....	17
2.2 O TECER DOS TEXTOS ACADÊMICOS EM TORNO DAS TRAMAS DAS MULHERES RENDEIRAS.....	21
2.3 A ARTE DA RENDA RENASCENÇA	24
2.3.1 O riscar	24
2.3.2 O alinhavar	25
2.3.3 O tecer	26
2.3.4 O acabamento	31
2.3.5 O lavar e o passar	32
3 A MEMÓRIA COMO MÉTODO	33
3.1 A MEMÓRIA E O SEU DIÁLOGO COM A HISTÓRIA	33
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.2.1 Apresentando o método	39
3.2.2 O percurso histórico da História Oral	40
4 ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA, AS PRÁTICAS COTIDIANAS E AS VOZES DAS MULHERES RENDEIRAS	54
4.1 A DIMENSÃO SOCIOLÓGICA DA MEMÓRIA	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

A região do Cariri Paraibano por, muitas vezes foi apresentada pelos pesquisadores como um território estagnado economicamente e estigmatizado, sendo considerada uma região problema da Paraíba. Olhar para esse espaço geográfico apenas pelo viés econômico contribui para a negação de toda a pluralidade nele existente.

Na tentativa de deslocar o olhar para novas direções, este estudo busca adentrar no universo de mulheres artesãs caririzeiras como forma de responder a seguinte indagação: como podemos evidenciar os saberes e os fazeres desenvolvidos pelas rendeiras do Cariri Paraibano?

A arte da renascença foi trazida por freiras europeias que vieram para um convento em Olinda, Pernambuco, e em segredo, ensinaram algumas internas, que ajudavam na limpeza, que aprenderam e transmitiram os seus conhecimentos a algumas mulheres dos municípios de Pesqueira e Poção, do Estado de Pernambuco.

O clima e as terras do Cariri Paraibano nunca foram bons para o plantio, e é justamente por isso que foram férteis para o enraizamento da renascença. Férteis porque a renda era uma alternativa econômica viável, porque havia ali mulheres de todas as idades dispostas ao trabalho, ansiosas para mudarem a qualidade de vida de suas famílias. A renda, quando começou a se expandir, foi por muito tempo o único meio de vida, não só da comunidade de Poção (município de Pernambuco), mas de várias cidades circunvizinhas, chegando a alguns municípios paraibanos, onde se popularizou com o nome de renascença (NÓBREGA, 2005).

É importante ressaltar que o surgimento da temática como possibilidade de estudo não veio de forma aleatória, sustenta-se em uma experiência de quatro anos (2005 a 2009) do pesquisador como estagiário do Projeto Renda Renascença do Cariri Paraibano. Oportunidade em que o pesquisador conviveu diariamente com grupos de mulheres que realizavam o fazer artesanal da renda renascença.

Ao adentrar no universo de mulheres artesãs caririzeiras, ingressamos em uma política local de desenvolvimento, evidencia-se o fato de elas estarem sistematizadas em um Arranjo Produtivo Local¹ que se formou a partir da integração dos atores institucionais, os

¹ Esse termo é utilizado para denominar territórios que terão a execução de planos de ações locais, sendo utilizado pelos teóricos que discutem desenvolvimento econômico. A noção de desenvolvimento local é posta como uma ação coordenada, descentralizada e focalizada que visa ativar e melhorar, de maneira sustentável, as condições de vida dos habitantes de uma localidade. Por sua vez, o desenvolvimento estimula a ampla participação dos atores relevantes deste processo. O desenvolvimento econômico local funciona como

quais direcionaram um plano de ação governamental com o intuito de organizar as mulheres rendeiras que utilizavam de suas habilidades manuais para complementar a renda familiar.

Oliveira *et. al.* (2005, p. 79) comentam que “a atividade artesanal da renda renascença frequentemente representa a única fonte de receita para um expressivo número de famílias do Cariri Paraibano”, há pelo menos sete décadas. Com efeito, a partir do ano 2000 essa atividade começou a se tornar um importante suporte econômico para a região, além de se constituir em uma atração para o crescimento do turismo. O Programa de Desenvolvimento da Renda Renascença foi implantado em 4 municípios do Cariri – Monteiro, Zabelê, Camalaú e São João do Tigre – e contou com a participação das prefeituras locais, associações de moradores, SEBRAE e outras instituições. Nas oficinas instaladas, as jovens com idade entre 12 e 18 anos recebem orientações baseadas nas memórias de ofícios de rendeiras da região, para mostrar, através dos seus trabalhos, os traços da cultura, das crenças, dos costumes e das tradições do povo nordestino (OLIVEIRA *et. al.*, 2005).

A partir de 2000, o Governo do Estado através do Projeto Cooperar realizou consultorias e reuniões com as rendeiras dos municípios de Monteiro, Zabelê, São João do Tigre, Camalaú e São Sebastião do Umbuzeiro (que não havia participado da primeira etapa do projeto) para viabilizar, em conjunto com o Banco Mundial, o repasse de recursos necessários à consolidação da infraestrutura do projeto. Na oportunidade, foram construídos cinco prédios, também chamados pelas artesãs de *casas das rendeiras*. Nas figuras 1 e 2 podemos observar dois deles.

Figura 1. Casa da renda do município de São João do Tigre - PB



Figura 2. Casa da renda do município de São Sebastião do Umbuzeiro – PB



Fonte: Mano de Carvalho (2006).

constituição de uma ambiência produtiva inovadora, na qual se desenvolvem e se institucionalizam formas de cooperação e integração das cadeias produtivas e redes econômicas e sociais, de tal modo que ele amplie as oportunidades locais, gere trabalho e renda, atraia novos negócios e crie condições para um desenvolvimento humano sustentável (COELHO, 2001, p. 57).

Esses locais serviram de base para as seguintes associações: *Associação dos Artesãos de São do Tigre* (ASSOARTI); *Associação dos Produtores de Arte de Zabelê* (APAZ); *Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú* (ASCAMP), *Associação de Desenvolvimento dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro* (ADART); *Associação dos Artesãos de Monteiro* (ASSOAM).

As mulheres desses municípios representam o segmento mais valioso do projeto, o capital humano que engloba as habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, em conjunto com outras características pessoais e o esforço despendido, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar pessoal, social e econômico (MARTELETO & SILVA, 2004).

Em 2005, o SEBRAE juntamente com outros parceiros (prefeituras municipais, Banco do Brasil, Projeto Cooperar e Programa de Artesanato Paraíba em Suas Mãos), iniciaram o GEOR (Gestão Estratégica Orientada para Resultados) da Renda Renascença, ou como era conhecido popularmente Projeto Renda Renascença do Cariri Paraibano. Esta forma de gestão é uma das características marcantes no que se refere à lógica dos modelos de desenvolvimento local.

É nesse período que o pesquisador se integra como a pessoa responsável de transformar as cinco associações de rendeiras em um só organismo. O pesquisador representava a voz das instituições parceiras. Realizava visitas técnicas nas associações para identificar possíveis problemas gerenciais, os quais tentava resolver com as presidentes. Durante as visitas, levava encomendas, acompanhava o processo de produção, bem como as recolhia para entregá-las aos clientes. Realizava o acompanhamento e o monitoramento dos cursos e capacitações.

No escritório do SEBRAE/Monteiro, o Projeto tinha uma sala para realizar o atendimento aos clientes. Esse ambiente, também, tinha outras funcionalidades: realizavam-se as listas de controle das peças que iam para as feiras de artesanato estaduais, nacionais e internacionais; prestava-se conta das vendas; e desenvolvia-se o planejamento e monitoramento das ações previstas pelo GEOR.

Durante o período de vigência do projeto, as rendeiras tiveram a publicação de um catálogo com suas peças, o acompanhamento de um *design* para criação de uma coleção e participações importantes em feiras como *Craft Design* em São Paulo e *Mão de Minas* em Minas Gerais. Em relação aos clientes, destacam-se dois: as grifes Cavalera² e Despi³,

² Visionário, Alberto Hiar uniu música, moda e arte, sendo o merchan de diversas bandas que estavam começando nos anos 90, como Ratos de Porão e Sepultura. Através dessa pegada rock and roll Alberto conheceu Igor Cavalera, ex-baterista do Sepultura, e juntos fundaram a CAVALERA, em 1995. Com a ideia de

considerando que esses ocasionaram mudanças estruturais do modo de fazer renda renascença. As rendeiras participaram de encontros de mulheres (Figura 3), foram mestras dos cursos de aperfeiçoamento, para melhorar o acabamento e os pontos das rendeiras que ainda não eram associadas (Figura 4), tiveram as associações visitadas por técnicos do SEBRAE e artesãos do Estado de Pernambuco (Figura 5 e 6).

Figura 3. Participação das rendeiras em um encontro de mulheres no município de Mãe d'Água – PB (2005).



Figura 4. Acompanhamento do curso de aperfeiçoamento do Distrito de Santa Maria, no município de São João do Tigre - PB (2006).



Figura 5. Visita Técnica realizada pelo SEBRAE/Caruaru a ASSOARTI (2006).



Figura 6. Visita às rendeiras do Clube de Mães em Camalaú - PB (2006).



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

transformar o humor e o universo pop em moda, Hiar invadiu as passarelas da principal semana de moda da América Latina, a São Paulo Fashion Week. Sempre com muita irreverência e ousadia a marca realizou diversos desfiles em locais inusitados, o que traz um ar de manifesto à CAVALERA. Em todas as apresentações, suas coleções são repletas de simbolismos, com design e matérias-primas que fazem da CAVALERA uma das marcas jovens. (texto retirado do site da grife: <http://www.cavalera.com.br/portugues/historia.html>)

³ Despina Filios produz biquínis no Rio de Janeiro desde 1987. Em 2002, a empresária já formada em fashion design aposta em biquínis mais glamorosos iniciando carreira mundial e vendendo para conhecidas marcas internacionais. Suas criações conseguem destaque nas capas das melhores revistas de moda e publicações especializadas como a Sports illustrated, nos estrelados catálogos da Victoria's Secret, e nas vitrines das boutiques e lojas de departamento mais consagradas do mundo. Em 2007, a estilista lançou sua própria marca (texto retirado do site da grife: <http://www.despi.com.br/marca.html>)

A experiência adquirida pelo pesquisador deste estudo com as rendeiras do Cariri Paraibano gerou dois importantes trabalhos acadêmicos. O primeiro⁴, com objetivo de analisar a política de desenvolvimento fomentado pelo Projeto Pacto Novo Cariri. O segundo⁵ buscou refletir se os empreendimentos das rendeiras eram de cunho solidário ou se eram organizações que serviam para dinamizar as relações de trabalho do sistema capitalista.

Em ambos, conclui-se que as rendeiras estão presas a um jogo político institucional que ao invés de promover a autonomia e melhoria da qualidade de vida, submete-as a um processo de vulnerabilidade marcado pela precarização do trabalho.

O orientador do estudo corrente, atento às narrativas do pesquisador, pergunta-o se as histórias de vida das rendeiras, seus saberes, como forma de construir o conhecimento contextualizado e local, foram objetos de pesquisa. O pesquisador responde que durante a sua trajetória profissional, percebeu que havia poucos estudos desenvolvidos em torno dos saberes das rendeiras do Cariri Paraibano.

Diante disso, a pesquisa procurou responder o seguinte questionamento: Como podemos evidenciar metodologicamente as dinâmicas sociais que concretizam as ações dos saberes e dos fazeres desenvolvidos pelas rendeiras do Cariri Paraibano?

Dada à situação, o pesquisador se viu em frente ao desenvolvimento de um estudo que promovesse a partir do estado da arte a valorização de práticas femininas, de mulheres que vivem em meio a relações de exploração e submissão.

Frente a tal desafio, procurou-se, a partir da memória, tirar essas mulheres do silêncio em que elas estavam confinadas. Para revelar suas vozes, visitamos os seus espaços de vida e lembranças, o que proporcionou uma maior aproximação com os gestos e com os modos de ser, de viver e de trocar bens simbólicos, serviços e sentidos.

A pesquisa está dividida em três partes, nitidamente delimitadas. O primeiro capítulo, realiza um levantamento iconográfico da arte da renda renasçença. Essa parte do texto visibiliza as tessituras de vida das mulheres rendeiras e o contexto das práticas cotidianas.

O segundo capítulo, discutimos a memória na sua relação com a História. Apresentamos, a partir do percurso histórico, as dimensões conceituais desenvolvidas em torno da memória e pontuamos como o conceito ganhou espaço importante nas pesquisas

⁴ **Projeto Pacto Novo Cariri:** uma abordagem geográfica acerca das mulheres rendeiras no Cariri Paraibano. Especialização, Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades: Departamento de História e Geografia, 2010. Orientador Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa.

⁵ **Solidários ou capitalistas?** O caráter dualista dos empreendimentos das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Especialização, Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Humanidades: Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia, 2010. Orientador Prof. Dr. Severino José de Lima.

históricas e sociológicas. Autores como Loriga (2009), Duran & Bentivoglio (2013), Silva (2002), Macedo (2009) contribuíram para a construção teórica que permitiu compreender a relevância das interfaces manifestas na concepção de memória. Em seguida, mostramos o processo histórico que fundamenta conceitualmente a História Oral como ferramenta analítica utilizada para descrever o objeto escolhido. Alberti (2005), Amado & Ferreira (2006) e Santiago & Magalhães (2013) são alguns dos teóricos que possibilitaram compreender a “fala” como status de documento oral.

Não obstante, a memória em sua dimensão sociológica, traz a tona os sistemas de ações e de objetos constituídos pelas lembranças e pelos fenômenos sociais relatados. Montenegro (2013), Halbwachs (2003), Santos (2007), Schmidt & Mahfoud (1993) e Rodrigues (2011) colaboraram no desvelamento das dinâmicas sociais, isto é, das tramas vividas.

Utilizando-se da analogia feita por Paul Ricoeur (2014) em *A memória, a história, o esquecimento*, convidamos o leitor a navegar nesse que é um veleiro de três mastros, que aborda, de forma entrelaçada, os velames desta embarcação, destinada a uma só e única navegação: a valorização das práticas femininas.

2 O UNIVERSO DA PESQUISA E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

O estudo procura valorizar os saberes e fazeres das rendeiras do Cariri Paraibano. O espaço que configura o território das mulheres rendeiras é formado por cinco municípios: Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê.

Na busca de desenvolver uma percepção crítica das interações entre as dinâmicas sociais e o conhecimento produzido pelos sujeitos locais, o pesquisador delimitou o campo da pesquisa para o município de São João do Tigre⁶. Por possuir uma significativa relação interpessoal com as mulheres rendeiras deste município.

O recorte do campo da pesquisa foi realizado a partir da perspectiva de que “tempo e espaço são realidades históricas, são eventos e o ponto de partida, em qualquer momento, para entender esses eventos, deve ser a sociedade humana em processos dinâmicos, realizando-se sobre uma base material” (SANTOS, 2006, p.54). Os municípios anteriormente mencionados se constituíram pelas mesmas interações técnicas⁷, o que assegura práticas humanas e produções culturais semelhantes.

Essa é uma das características da categoria território, que constrói “a partir das relações entre sociedade e natureza e entre o território e as pessoas que dele se utilizam, conexões ou rede de caráter global”. Esse modo de perceber os lugares permite “uma visão da própria dinâmica do cotidiano vivido pelas pessoas” (MARIANO NETO et. al, 2007, p.10).

Após a definição do universo de pesquisa, organizamos um roteiro geral de entrevista para sistematizar a coleta de dados e articulá-los. Utilizamos de uma lista prévia contendo nomes das entrevistadas em potencial, em seguida, por meio de alguns critérios (familiaridade com a renda; poder de articulação no processo de produzir renda e de ensinar o fazer para outras mulheres; ser integrante da casa das rendeiras), escolhemos as rendeiras participantes da pesquisa.

⁶ O município de São João do Tigre, localizado na região do Cariri Paraibano, tem uma estimativa de 4.427 habitantes (IBGE, 2016). A agricultura do município é de feijão e milho, porém, diante das frequentes estiagens, é uma atividade bastante reduzida. Criam-se, também, bovinos, caprinos e ovinos. A produção de galináceo está se implantando, como também a produção de apicultura. As atividades artesanais que se destacam no município são: a renda renascença, esculturas em madeira, peças feitas de palhas e em barro (argila), e indumentárias feitas em couro. A Renda Renascença é a que se destaca mais, pelo seu valor de comercialização. É considerada hoje, uma atividade artesanal importante para estabilidade econômica do município. A renda renascença devido às parcerias com instituições públicas conseguiu ser reconhecida através do selo de Indicação Geográfica. A principal feição que tem marcado a evolução econômica do município de São João do Tigre têm sido as atividades ligadas ao setor de serviços.

⁷ Entende-se por técnica “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza a sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2006, p.29).

A primeira entrevistada escolhida foi Deó, Deograça Jatobá de Oliveira (1947), com 70 anos de idade. O principal critério para incluí-la no estudo foi a sua ligação com Maria dos Anjos Jatobá (1932), conhecida por Maria de Olavo. Maria de Olavo, irmã de Deó, é considerada uma das primeiras rendeiras de São João do Tigre. Apresenta a fala que segue.

Foi Maria quem ensinou renascença aqui em São João do Tigre. Nesse tempo, que ainda nem era o meu tempo, ela já vivia aqui e já ensinava renascença. Os pontos que ela mais ensinava eram: dois-amarrado, meia lua. Foi ela quem ensinou à Pepeta, quem ensinou à Zira. Eu não sei a idade dela, mas hoje ela já tem na base de uns 80 anos. Ela tem um problema de reumatismo nos pés e nas mãos. As mãos dela são aleijadas. Ela vive com Lindalva, a mulher de Chiquinho, que é sobrinha da gente. Ela vivia aqui, mas quando ela parou de andar, e como eu sempre vivia no mundo, lidando com bicho, ela ficou com Lindalva. Hoje em dia não trabalha porque não tem mais condição. Pode chegar lá e procurar Lindalva, dizendo que quer falar com Maria para ver o que ela diz do tempo que trabalhou em renascença. Eu acho que no Tigre⁸ ela ensinou muita gente, porque ela vivia pela rua, aí ensinava renascença a um e a outro... Ela foi criada aqui e nunca gostou muito do sítio. A gente sempre gostou mais do sítio, mas ela nunca gostou de lá. Ela sempre gostou da rua (DEOGRAÇA JATOBÁ DE OLIVEIRA, 2015⁹).

Deograça divide o seu tempo entre a renda renascença e a criação de bodes e cabras. Ela é a rendeira responsável pela atividade de lavar e passar as peças que são feitas através da Associação dos Artesãos de São João do Tigre.

A segunda rendeira participante da pesquisa é conhecida na comunidade por Bium. Maria Aparecida de Oliveira (1955), com seus quase 62 anos, desenvolve o fazer artesanal da renda, diariamente, mesmo tendo os seus dedos das mãos mutilados. Bium sempre foi responsável pelo sustento de sua família. Vejamos seu relato oral de memória.

Comecei a arranjar essas criaturas (refere-se aos filhos) e o muito ou pouco que eu tinha para sustentar a casa, era por meio da renda renascença. Eu vim arrumar trabalho mesmo, emprego, depois dos meus 20 anos. Antes, era com a renascença que eu sustentava os meus filhos em casa. Eles iam dormir e eu ficava com uma mesinha, justamente que nem essa [aponta para a mesa em que está sentada e onde apoia uma almofada], com os pés dentro de uma bacia de água, puxando linha para fazer feira. De 15 em 15 dias eu mandava os paninhos para Poção. Com o dinheiro dos paninhos eu comprava os alimentos (MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA, 2015¹⁰).

⁸ Cidade São João do Tigre

⁹ Entrevista concedida ao autor em 07 de junho de 2015.

¹⁰ Entrevista concedida ao autor em 06 de junho de 2015.

O seu atual marido não colabora nas despesas de casa. Ela é funcionária pública municipal e está em processo de aposentadoria.

A terceira entrevistada é Sônia Maria Saturno de Carvalho (1960), 57 anos de idade. Sônia é rendeira desde a sua infância e exerce a docência por mais de vinte anos. Ela já foi mestra artesã, ou seja, ensinou o repasse do fazer da renda renascença para jovens de 12 a 18 anos. Esse foi um dos critérios para torná-la parte da pesquisa.

Eu sou professora, mas eu não posso viver sem a minha renascença, porque eu gosto de tecer. Eu só me sinto feliz quando eu chego da escola que tem uma renascença para eu fazer. Ligeiro cuidado da casa e vou logo trabalhar. É uma terapia. Eu me sinto feliz. Quando não faço uma peça de renda renascença, sinto um vazio por dentro. Mesmo sendo dona de casa e não faltando o que fazer, eu sempre arrango um tempinho, porque gosto. A gente não pode abandonar a renda, pois foi com ela que eu criei os meus filhos. Até ficarem rapazes, foram criados com a renda (SÔNIA MARIA SATURNO DE CARVALHO, 2015¹¹).

Durante a entrevista ela, busca se estabelecer um entrecruzamento entre o seu “ser rendeira” e do seu “ser docente”, para observar até que ponto os saberes e os fazeres do seu “ser rendeira” foram transformados em conhecimento em suas práticas educativas.

Utilizou-se o mesmo critério para a quarta entrevistada, Fátima Suelene de Oliveira Medeiros (1957), de 60 anos de idade, que também é professora aposentada da rede municipal e estadual de educação. Diz a depoente:

Eu valorizava sim, o trabalho da renda nas minhas aulas, porque na minha trajetória educacional, o meu trabalho foi mais direcionado para a educação artística. Eu sempre procurei valorizar a arte e dentro dessa valorização, eu sempre procurei explorar a renascença. Por quê? Porque era o que eu via e ainda hoje vejo, que nós não temos, na nossa região, trabalhos e campos de trabalho para as pessoas sustentarem suas famílias. Então, eu tinha como obrigação, enquanto professora de Educação Artística, mostrar esses valores. Até porque eu sempre gostei de trabalhar e explorar na disciplina de Artes o meu cotidiano dentro do que havia ao meu redor para fazer. E não utilizava a beleza dos materiais de uma papelaria ou livraria, aquelas coisas bacanas. Porque eu sentia o peso da não condição do aluno para trabalhar dentro da Educação Artística, então eu explorava mais a reciclagem. Eu também via a necessidade de mostrar para os alunos a renda renascença, o meio-ponto que é inserido dentro da renda renascença e o bordado. Sempre tive esse cuidado para não deixar morrer, mostrando a eles a valorização, no futuro, que aquela renda poderia dar. Eu não lembro se os outros professores faziam atividades com foco nas rendeiras, acredito que não. Agora quando eu trabalhei dentro da Educação Artística, eu tentei valorizar ao máximo. Ao ponto de fazer desfile com as crianças, com os adolescentes, mostrando a arte, a beleza que

¹¹ Entrevista concedida ao autor em 06 de junho de 2015.

ela tinha. Mas dizer diretamente que os professores chegaram a dar uma visão para a valorização, eu não sei, não tenho esse conhecimento (FÁTIMA SUELENE DE OLIVEIRA MEDEIROS, 2015¹²).

Suelene é uma das responsáveis pela fundação da Associação e é presidente daquela instituição pela terceira vez, sendo a única rendeira do território a criar e produzir riscos de renda renascença diversificados.

A quinta entrevistada escolhida é Maria de Fátima Sousa Alves (1985), 32 anos de idade. Fátima faz parte de uma nova geração de rendeiras. Evidenciar a sua história é uma forma de analisar se as dinâmicas sociais, educacionais e políticas, em torno das mulheres rendeiras, sofreram modificações ao longo do tempo. Apresenta a fala que segue.

Eu me interessei em fazer renda renascença porque era a única fonte de renda que tinha. E aí eu queria trabalhar para mim... Queria ter minhas coisas, ser independente. E a única opção que apareceu foi a renda. E eu, muito curiosa, via a minha mãe fazendo. Sabia que ela ganhava dinheiro para fazer a feira, comprar as coisas. Eu fui me interessando para eu poder comprar as minhas coisas. Quando eu era criança estudava à tarde e fazia renda na parte da manhã, quando não ia para o roçado. Pois tinha dia que eu ia direto para o roçado. Eu não tinha tempo de fazer renascença. Aí eu fazia, às vezes, um pouquinho à noite, no lampião. Porque naquela época não havia energia [ela rir]. A minha família incentivava desde criança, né? Para que aquilo que estávamos aprendendo fosse um trabalho que nos tornasse dignos. Para conseguir o melhor (MARIA DE FÁTIMA SOUSA ALVES, 2015¹³).

Durante as entrevistas tornou-se claro que os depoimentos eram de grande relevância para a pesquisa. Explicou-se as implicações contratuais dos depoimentos, informando-as sobre o documento de cessão de direitos sobre a entrevista. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e editadas para uma exposição neste trabalho de conclusão de curso.

As entrevistas concedidas foram transformadas em narrativas. Os textos evidenciam dados biográficos, condições de vida, a sociedade, a economia e cenas de um passado ainda presente. O universo exposto é particularmente feminino e singular por fomentar histórias de vida que se entrecruzam devido às experiências instituídas a partir do fazer artesanal da renda renascença. O registro dos acontecimentos e dos saberes expostos a seguir constata a existência de uma memória social. Evidenciar essas narrativas é um meio de sair da indiferença, deixá-las se libertarem do domínio da insignificância. É tornar evidente “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade” (HALBWACHS, 2003, p.70).

¹² Entrevista concedida ao autor em 05 de junho de 2015.

¹³ Entrevista concedida ao autor em 07 de junho de 2015.

Buscando evidenciar uma memória coletiva da história de vida das mulheres rendeiras, a partir dos relatos orais individuais, o capítulo a seguir está comprometido em nos fornecer um entendimento da dimensão sociológica da memória, mesmo tendo como suporte teórico uma pluralidade de textos que contribua para a hibridização de outras dimensões.

2.1 TECENDO AS TRAMAS HISTÓRICAS DAS MULHERES RENDEIRAS

Historicamente, a renda renascença pode ser muito antiga, caso consideremos como exemplo algumas espécies de tramas de fios produzidos ainda no período neolítico. Porém, na forma de sua configuração atual, a renda renascença, artesanato têxtil, é relativamente recente, tendo em vista que a História começa a apontar indícios de seu surgimento entre os séculos XV e XVI, com Flandres e Itália reivindicando sua paternidade. Posteriormente, a Itália, na ilha de Burano, em Veneza, conseguiu patentear o fazer da renda renascença como símbolo artesanal italiano (NÓBREGA, 2005).

A arte da renascença foi trazida para o Brasil por freiras europeias que vieram para o convento de Santa Teresa, em Olinda, Pernambuco (FERREIRA, 2010). Silva (2013) ao reconstituir a formação da elite social de Pesqueira-PE levanta detalhes históricos que evidenciam a introdução da renda renascença naquele município pernambucano, por volta de 1934, a partir da visita de Maria Pastora a sua mãe, que estava convalescendo. Segundo o autor:

Maria Pastora estava vivendo naquele período no Colégio Santa Tereza em Olinda, levada por Freire Odorico Schmidt provavelmente, como interna e lá aprendeu [com as freiras] o ofício de rendeira, como era comum as internas daquele colégio, para custear as suas despesas [...] Na ocasião em que veio à Vila de Poção em visita à sua mãe, trouxe consigo algumas encomendas de rendas para tecer, percebendo que o tempo estipulado para a realização do trabalho estava se exaurindo, pediu auxílio à sua amiga Elza Medeiros, para lhe ajudar na feitura das rendas [...] Mas com a recomendação de manter sigilo. Elza Medeiros aprendeu o ofício de rendeira com Maria Pastora e abriu posteriormente uma escola para ensinar às meninas da comunidade a render (SILVA, 2013, p. 35).

A História de como a renda saiu do enclausuro do convento para o domínio de mulheres da região de Pesqueira e Poção¹⁴ está entrelaçada com a História de como a renda chegou às terras caririzeiras. A proximidade entre os municípios e a circulação dos paraibanos nas feiras populares pernambucanas foram elementos relevantes para este processo.

¹⁴ Nesse período Poção era distrito de Pesqueira.

Na Paraíba, a renda chegou em meados dos anos 1950, pelas mãos de algumas mulheres que residiam nos municípios de Camalaú, São João Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê, que na época eram todos distritos do grande município de Monteiro – PB.

Nóbrega (2005) vincula a expansão do fazer da renda renascença ao fenômeno da seca, destacando em seu texto a grande seca que ocorreu no Cariri entre os anos de 1927 e 1933. Ele explica que, nesse período, geraram-se movimentos migratórios que aumentaram significativamente o êxodo rural. Segundo esse autor,

De cada família partia um ou mais de seus integrantes, geralmente o pai ou o filho mais velho, para os grandes centros urbanos [...] O clima e as terras do Cariri Paraibano nunca foram bons para o plantio, e é justamente por isso que foram férteis para o enraizamento da renascença. Férteis porque a renda era uma alternativa econômica viável, porque havia ali mulheres de todas as idades dispostas ao trabalho, ansiosas para mudarem a qualidade de vida de suas famílias. A renda, quando começou a se expandir, foi por muito tempo o único meio de vida, não só da comunidade de Poção, mas de várias cidades circunvizinhas, chegando a alguns municípios paraibanos, onde se popularizou com o nome de renascença (NÓBREGA, 2005, p.49).

As primeiras rendeiras paraibanas foram Maria José de Lima, Josefa (1925); Maria dos Anjos Jatobá (1932); e Quitéria Inácia Ferreira (1930-1993). Essas mulheres se tornariam as primeiras mestras do ofício. Josefa disseminaria a arte da renda renascença em Camalaú, Maria dos Anjos em São João do Tigre e Quitéria nas terras de Zabelê. Elas promoveram a circularidade deste fazer artesanal que se tornou tão importante para as mulheres da região. Foi a partir delas que se alicerçou a estrutura que deu formação ao território das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano (NÓBREGA, 2005).

2.2 O TECER DOS TEXTOS ACADÊMICOS EM TORNO DAS TRAMAS DAS MULHERES RENDEIRAS

Alguns trabalhos já analisaram e discutiram as relações que entremetem as vivências das rendeiras. Fachine (2005), ao escrever o estudo *A construção cultural e identitária das rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM), entre o amor e a sobrevivência pela renda renascença*, evidencia as experiências e o cotidiano das rendeiras de modo a valorizar toda a produção cultural que permeiam as relações estabelecidas entre elas.

Albuquerque & Menezes (2007, p. 461) publicaram um artigo intitulado de *O valor material e simbólico da renda renascença* que analisa a atividade artesanal como uma fonte de renda, “perpassada por relações de gênero, atentando para a importância da renda renascença como atividade de homem e de mulher e a sua feitura no cotidiano das mulheres, em que se entrelaçam trabalho, socialização de crianças e vivência lúdica”.

Ferreira (2010a) lança dois estudos oriundos de suas vivências e experiências com as mulheres rendeiras no período em que era monitor do Projeto Renda Renascença do Cariri Paraibano. No primeiro estudo, analisa a política local que instituiu o projeto mencionado e denuncia que o mesmo se constituiu em um modelo de desenvolvimento que tornou o arranjo produtivo da renda renascença um território econômico vulnerável, tendo em vista o controle sutil realizado pelas instituições parceiras. No segundo, afirma que devido a esta política assistencialista, as associações das rendeiras dificilmente serão de cunhos solidários, no qual a solidariedade, a equidade e o bem estar coletivo são bases dos processos de gestão e produção.

Ferreira (2010b, p. 99) explica que “a garantia da subsistência familiar faz com que as rendeiras se submetam a um número excessivo de horas trabalhadas em um ritmo altamente intenso” de gestos especializados que ocasionam, frequentemente, um conjunto de lesões de ordem física e mental, comprometendo a saúde das mulheres artesãs. Além disso, o autor aponta que “muitas dessas mulheres são chefes de domicílios com carências e precariedades material, intelectual e afetiva com casos isolados de violência doméstica” (FERREIRA, 2010b, p. 99).

Moraes (2012) recentemente publicou um trabalho com o título de *Renda, rendeira, renascença: seleção/exclusão de sujeitos e bens culturais no processo de valorização patrimonial* com objetivo de

[...] identificar os processos de produção e comercialização da renda renascença na Paraíba, problematizar as questões surgidas no campo e analisar o processo de exclusão de saberes tradicionais e sujeitos sociais no reconhecimento da renda irlandesa como patrimônio nacional pelo IPHAN (MORAES, 2012, p. 246).

Esses trabalhos permitem identificar um processo de alienação e exploração bem demarcado pelas relações entre rendeiras e clientes, rendeiras e instituições políticas e rendeiras enquanto esposas e mães de famílias que, por uma condição cultural impregnada pela dominação masculina, percebem-se como seres sociais inferiores. Os estudos demonstram também o quanto às relações estabelecidas entre as mulheres e o processo

artesanal transfiguram valores e saberes culturais locais carregados de sentidos e significados para a formação da identidade cultural dos sujeitos do campo.

2.3 A ARTE DA RENDA RENASCENÇA

Os instrumentos e materiais utilizados para confecção da renda são: as mãos (base fundamental para a execução de todo o processo); a agulha; a linha; o lacê; o papel fino (conhecido como papel manteiga); a caneta (marcador para retroprojektor ou marcador permanente para cd); o lápis grafite; a régua; a cola; a borracha; o dedal; a tesoura; o papel grosso (que elas chamam de papel de saco); a almofada; o ferro de passar; a goma; e os alfinetes.

2.3.1 O riscar

A primeira etapa é a criação do risco. As rendeiras utilizam-se do papel manteiga para desenvolver os desenhos que darão a base para o alinhavo e assim a configuração da peça. Elas iniciam os primeiros traços do desenho utilizando o lápis grafite. A régua e a borracha são suportes para o desenvolvimento desta etapa. Após terem concluído a composição gráfica da peça e corrigido eventuais falhas, o desenho é coberto com a caneta hidrográfica e assim finalizado (Figura 2). Nóbrega (2005, p.118) afirma que “os temas dos riscos são, em sua maioria, arabescos florais, influências das estruturas visuais árabes” (Figura 3).

Figura 7. Risco finalizado



Figura 8. Risco de base floral



Fonte: César Moura, dezembro de 2015.

Atualmente, nota-se que os riscos sofreram relevantes alterações na produção de seus desenhos. Essas transformações foram ocasionadas pelas interações ocorridas entre os anos de 2007 a 2009 com *designs* e estilistas de grifes.

A grife Cavalaria¹⁵, por exemplo, foi decisiva para esse processo de inovação tecnológica da renda renascença. A primeira coleção encomendada às rendeiras das cinco associações foi baseada em obras de arte visuais. A maioria das obras utilizadas como referência era composta por mulheres vestidas e nuas. A rendeira desenhista, Fátima Suelene, negou-se, no primeiro momento, em transformar representações artísticas em renda renascença, mas, após uma longa conversa, ela foi convencida pela estilista, Emilene Galende. As indumentárias que foram expostas no desfile do São Paulo Fashion Week, no Museu do Ipiranga, receberam boas críticas dos especialistas de moda (Figuras 4 a 6), o que gerou mais duas participações da renda paraibana nas passarelas.

Figura 9. Vestido com aplicação



Figura 10. Vestido branco



Figura 11. Vestido com renda



Fonte: Acervo da Grife Cavalaria.

2.3.2 O alinhavar

¹⁵ Visionário, Alberto Hiar uniu música, moda e arte, sendo o merchan de diversas bandas que estavam começando nos anos 90, como Ratos de Porão e Sepultura. Através dessa pegada rock and roll Alberto conheceu Igor Cavalaria, ex-baterista do Sepultura, e juntos fundaram a CAVALERA, em 1995. Com a ideia de transformar o humor e o universo pop em moda, Hiar invadiu as passarelas da principal semana de moda da América Latina, a São Paulo Fashion Week. Sempre com muita irreverência e ousadia a marca realizou diversos desfiles em locais inusitados, o que traz um ar de manifesto à CAVALERA. Em todas as apresentações, suas coleções são repletas de simbolismos, com design e matérias-primas que fazem da CAVALERA uma das marcas jovens. (texto retirado do site da grife: <http://www.cavalera.com.br/portugues/historia.html>)

A segunda etapa é o alinhar. Esse momento é considerado muito importante pelas rendeiras. O alinhavo precisa ser feito de modo que o lacê fique firme nos contornos gráficos desenvolvidos no risco.

Antes de alinhar, a rendeira fortalece o papel manteiga onde se desenhou o risco colando-o em outro mais grosso. “O alinhavo consiste em prender com alguns pontos o lacê no papel, seguindo as linhas do desenho” (NÓBREGA, 2005, p. 146) (Figura 7).

Figura 12. Risco de renda renascença alinhavado



Fonte: César Moura, dezembro de 2015.

Muitas rendeiras usam o dedal como forma de proteção. O ato de atravessar com a agulha o lacê, o risco e o papel grosso exige muita força, o que pode provocar ferimento nas pontas dos dedos. O lacê utilizado pelas paraibanas é 100% algodão, dando um melhor acabamento à peça.

2.3.3 O tecer

A terceira etapa é o tecer, momento em que as rendeiras confeccionam com a linha as tramas que formam a peça de renda renascença. “O tecimento se faz por meio de pontos que interligam os vários lacês que encobrem o risco, preenchendo os espaços vazios entre eles” (NÓBREGA, 2005, 149). Cada ponto é distinto entre si no processo de produção e cada um recebe nome particular (Figuras 8 a 16).

Figura 13. Ponto esteira

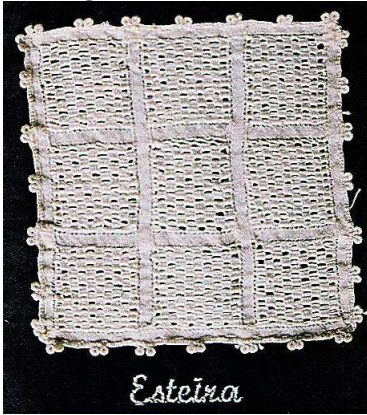
*Esteira*

Figura 14. Ponto sianinha

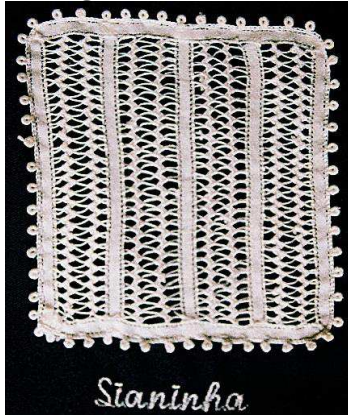
*Sianinha*

Figura 15. Ponto telha

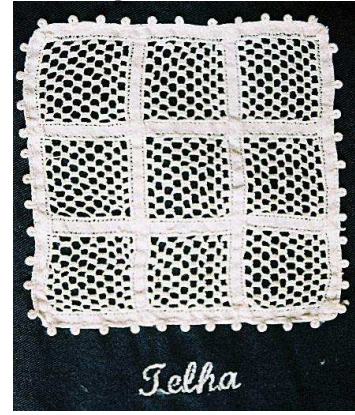
*Telha*

Figura 16. Ponto caramujo

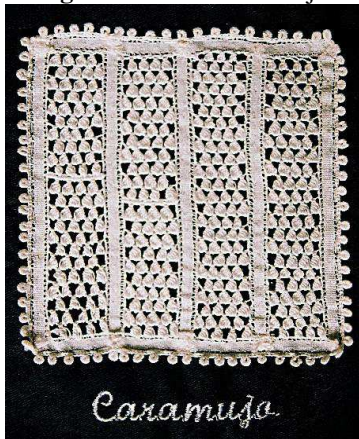
*Caramujo*

Figura 17. Ponto amor seguro

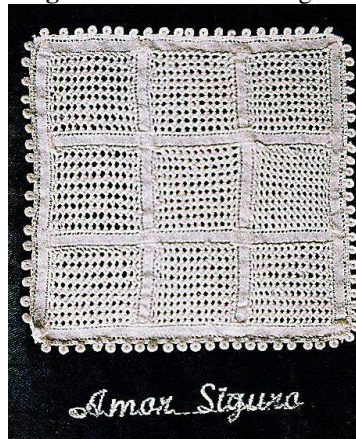
*Amor Seguro*

Figura 18. Ponto escama de peixe

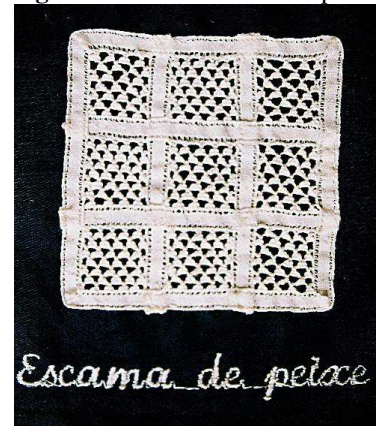
*Escama de peixe*

Figura 19. Ponto abacaxi

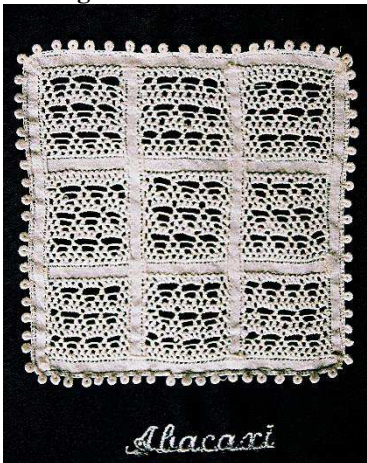
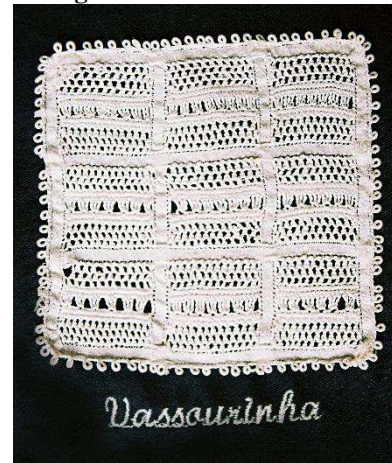
*Abacaxi*

Figura 20. Ponto aranha tecida

*Aranha tecida*

Figura 21. Ponto vassourinha

*Vassourinha*

Fonte: Mano de Carvalho, junho de 2005.

As rendeiras mais conhecedoras de pontos chegam a trabalhar com mais de 30 deles. Elas iniciam o tecer da renda através do ponto dois amarrado (como podemos notar no depoimento a seguir), que é considerado o ponto inicial da renascença.

Aprendi a renda renascença com a minha vizinha, Naine. Os primeiros pontos que eu aprendi com ela foram o dois-amarrado com pipoca e o

rechilieu. Ela riscou um desenho no papel manteiga, e o colocou no rolo para me ensinar o tecer da renda. Comecei a fazer renda por volta de 1978, eu já tinha uns 10 anos. Interessei-me pela renda, porque era a única fonte de trabalho na época. Mas, eu gosto de tecer os pontos até hoje (SÔNIA MARIA SATURNO DE CARVALHO, 2015¹⁶).

“O ensino/aprendizagem da arte de rendar é regido na performance da rendeira mais idosa ou da que se dispõe a ensinar (FECHINE, 2013, p.107).

No livro *Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana*, Nóbrega (2005) registra mais de 80 variações de pontos, evidenciando a capacidade de criação das artesãs que, a partir de elementos do cotidiano, transformam suas vivências em escrituras.

Os pontos da renda são denominados segundo elementos da natureza, comidas, ou expressam sentimentos e esperanças de quem os criou: aranha, abacaxi, traça, cocada, xerém, amor seguro, laço, sianinha, malha e dois amarrado. Nóbrega (2005, p. 153) explica que

Quanto às designações dos pontos estes podem sofrer alterações de cidade para cidade e, às vezes, podem ser apelidados por mais de um nome em um mesmo lugarejo. No Cariri os batizaram com nomes concretos ou abstratos. Quando concretos remetem sempre a um objeto que pertence ao cotidiano dessas rendeiras, seja ele da flora (abacaxi e flor), seja da fauna (aranha, besouro, caramujo, mosca e traça), seja do astro celeste (lua e sol), seja objetos de uso cotidiano (balaio, cestinha, corrente, crivo, ilhós, laço, malha, nervura, meia, passagem, *richelieu* caseado, *richelieu* torcido, sianinha amarrada, sianinha simples, torre, vassoura e xadrez), seja nome de comida (arroz, chiclete, cocada, pipoca e xerém) ou seja nome de santo (São Paulo). Quando são abstratos podem simbolizar os laços afetivos vividos ou desejados por essas mulheres (amor seguro e dois amarrado).

O ato de tecer da rendeira expressa os seus gestos especializados, nos quais as mãos traduzem um conhecimento de ordem cultural. A manifestação da voz da rendeira ao compartilhar suas habilidades expõem seus saberes que convergem na formação de um construto coletivo. Apresenta citação que segue.

Em decorrência do projeto institucional para 'resgatar' o fazer da renda renascença, houve alguns cursos de aperfeiçoamento por uma mestra da renda, que reside em Campina Grande, no entanto, é natural de uma cidade vizinha, chamada de Zabelê, e que tem por nome Amantina. Na arte de fazer a renda, ela percebeu que era importante criar novos pontos e, por isso, nos cursos cobrou de nós a criação de um novo ponto. Eu sei tecer 120 pontos. Se existem rendeiras, aqui na região do Cariri, que dominem mais de 120 pontos, não é do meu conhecimento. Também, já criei vários pontos como o ponto xadrez, o ponto crucifixo, o ponto capela aberta e capela fechada. Então, quando eu criei o ponto xadrez - o meu primeiro - eu senti que aquele

¹⁶ Entrevista concedida ao autor em 06 de junho de 2015.

ponto xadrez era idêntico a um tecido xadrez das tecelagens. Então, eu achei que ele teria que ter o nome de ponto xadrez. O ponto capela aberto e o capela fechado, do mesmo modo, quando eu olhava uma capela, por exemplo, as capelas de flores que as pessoas vendem na época das datas de finados, achei parecido. Uma visão minha. E o crucifixo, porque a traça na entranha de quatro recantos em um quadrado e que deu um sentido muito parecido com um crucifixo. Foi esse o sentido que me fez dar o nome desses quatro pontos. Eu, na verdade, não tenho um ponto preferido. Para mim, todos são importantes e valiosos e você tem que desempenhar qualquer um de forma a fazer com perfeição. E isso não significa que eu tenha um ponto A ou ponto B que seja melhor de fazer, só que as pessoas acham que o melhor de fazer é aquele primeiro que ela aprende, que é o dois-amarrado, porque ele é mais rápido de tecer depois que você adquire prática (FÁTIMA SUELENE DE OLIVEIRA MEDEIROS, 2015¹⁷).

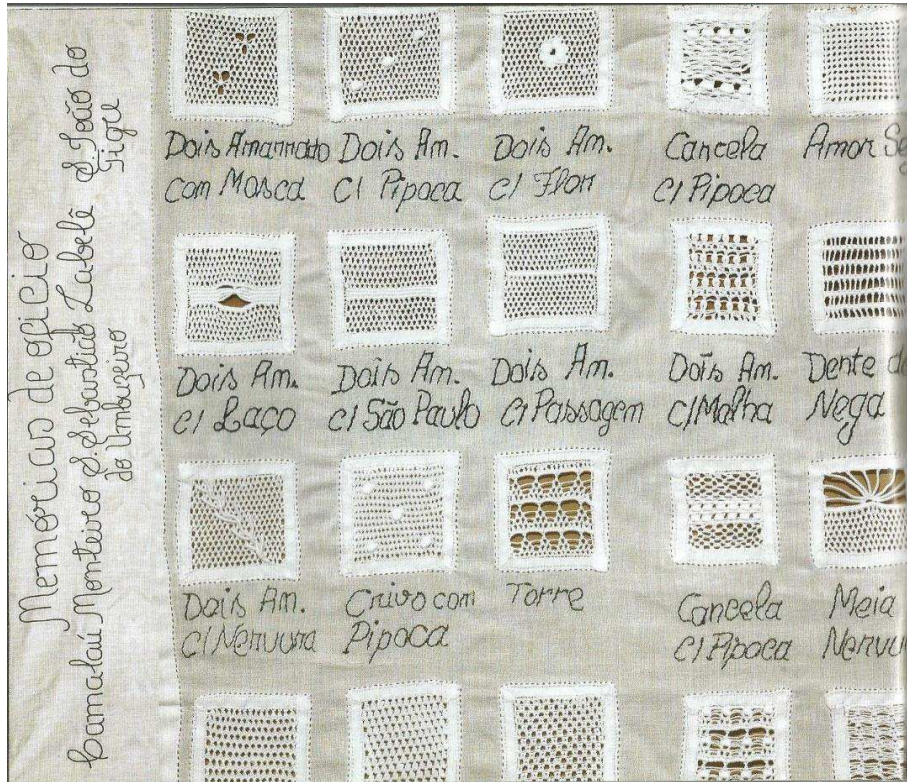
Para Fachine (2013, p.107), o ponto é uma marca simbólica que demonstra a significância das práticas culturais desenvolvidas pelas rendeiras. “Experiências, conhecimentos, memórias e culturas são revelados na construção da imagem do seu ponto que se traduz como escrituras, como brasão, como forma especial de dizer na peça de Renda Renascença”.

Nesse contexto, observa-se na “memória de ofício”¹⁸ (Figuras 17 e 18), construída pelas rendeiras, que “os pontos podem ser agrupados e reordenados em número tão grande de combinações que têm como único limite o potencial criativo dessas mulheres” (NÓBREGA, 2005, p.153).

¹⁷ Entrevista concedida ao autor em 05 de junho de 2015.

¹⁸ Desenvolvido para registrar as variedades de pontos existentes. Constituído por meio de um pano retangular que serve para expor os vários pontos de renda renascença, sendo os seus nomes bordados a mão.

Figura 22. I parte de uma memória de ofício



Fonte: Catálogo Renascença Paraíba, 2008.

Figura 23. II parte de uma memória de Ofício



Fonte: Catálogo Renascença Paraíba, 2008.

2.3.4 O acabamento

A quarta etapa é o acabamento. Depois de tecida, a renda é retirada do papel. Tanto o papel fino com o risco quanto o papel grosso são reutilizados pelas rendeiras.

O acabamento serve para arrematar alguns pontos que não ficaram bem presos ao lacê, pois, caso não se faça este processo, os pontos da peça podem se abrir e destruir todo um trabalho. Além disso, as rendeiras utilizam a tesoura para cortar pedaços de linha que às vezes ficam presos no lacê por causa do alinhavo.

Essa etapa também se configura em unir pedaços de uma peça de renda renascença. É comum entre as rendeiras a divisão de vários pedaços de uma única peça, principalmente se ela for grande como, por exemplo, a toalha de mesa da figura 19, repartida em 12 pedaços.

Figura 24. Acabamento de uma toalha de mesa



Fonte: Catálogo Renascença Paraíba, 2008.

Feito o acabamento, a renda segue para a sua última etapa: lavar e passar.

2.3.5 O lavar e o passar

A quinta etapa é a parte final do processo. É o momento de retirar todas as sujeiras advindas do manejo das mãos que ao transpirem deixam as tramas amareladas, principalmente, em peças brancas.

Durante a lavagem, acrescenta-se goma para proporcionar a renda uma maior conformação. A renda é colocada no varal e retirada ainda um pouco úmida, pois no processo de passar é preciso esticar a peça que geralmente encolhe, depois da lavagem. “É com a ajuda do ferro que consegue reiterar o tamanho original da peça” (NÓBREGA, 2005, p. 180).

As associações das rendeiras sempre conferem essa parte da produção às rendeiras que possuem práticas de passar roupa de ganho.

3 A MEMÓRIA COMO MÉTODO

Segundo Paim (2010, p.85), “as relações entre memória e história são controversas. Para alguns autores uma depende da outra. Para outros são de distanciamento e até incomunicáveis”. “Para evitar modos totalizadores ou dogmáticos de pensamento e para fugir de qualquer uso autoritário da palavra” (LARROSA, 2013, p. 8), adota-se aqui, uma tessitura baseada no diálogo, na tentativa de evidenciar os processos que geraram os pontos e contrapontos entre memória e história.

3.1 A MEMÓRIA E O SEU DIÁLOGO COM A HISTÓRIA

Paim (2010), ao refletir sobre a importância da lembrança nas práticas sociais e educativas, destaca a concepção mitológica de memória, no intuito de estabelecer um diálogo entre ela e a história. Vejamos:

Para os Gregos da época arcaica a memória era personificada na deusa Mnemosine. No panteão grego era considerada a progenitora de nove musas originárias de sua união durante nove noites passadas com Zeus. Dentre suas filhas encontramos Clio, a musa da História. Dentre outros dons, Mnemosine pode lembrar aos homens as recordações dos heróis e dos seus altos feitos (2010, p.85).

Essa forma de conceber a memória como algo divinizado que requer uma prática na palavra (em) cantada na poesia foi, ao longo do percurso histórico, sendo modificada. No século V (556-469 a.C), a memória passa a ser entendida não tanto, ou não só, como deusa, mais como elemento importante e necessário de exercício: além da reminiscência, o esforço da recordação. Heródoto (484-424 a.C), historiador grego, busca desenvolver uma narrativa a partir do que viu ou o que ouviu dizer, se opondo a narrativa mítica. Para ele, a história é testemunho. Contar os acontecimentos passados é uma forma de conservar a memória. Tucídides (460-390 a.C), ao contrário de Heródoto, reivindica a escrita como meio de fixação dos acontecimentos. Estabelece uma certa desconfiança em relação a memória. Platão no séc. V e IV (428-348 a.C) afirma que memória é conhecimento da verdade. Toda aprendizagem e todo conhecimento são uma tentativa de relembrar as realidades, as essências. Desse modo, a memória em Platão não é organizada nos termos (triviais?) da mnemotécnica, mas concebida em relação às realidades. Não é uma parte da arte da retórica. Memória como reconhecimento (MONTEIRO & CARELLI, 2007, p. 7-8).

Trabalhar com memória, nesse sentido, é fazer travessia, por isso, em meados do século XVI, ela foi percebida como um entrave para a História. Loriga (2009, p.13), ao escrever sobre a tarefa do historiador, comenta que “por vezes, filósofos, cientistas, romancistas encorajaram e confirmaram essa ideia, considerando a história indigna de estima ou mesmo perigosa justamente por causa de seu vínculo com a memória”.

Para evidenciar este despreço pela memória, a autora utiliza em seu texto quatro pontos de vista. O primeiro é do filósofo René Descartes que, ao se remeter ao conhecimento do passado, afirma que esse é bom para aprender os costumes de diversos povos. No entanto, o filósofo alerta que gastar tempo demais em coisas de séculos passados, torna-se um risco, pois se pode ficar ignorante sobre as práticas do século presente. O segundo ponto de vista é o do físico, matemático e astrônomo Galileu que chamava os historiadores de ‘doutores da memória’, tendo em vista que, para ele, esses recorriam às lembranças, não sendo dignos de serem chamados de filósofos. O terceiro ponto de vista é do filósofo e matemático Blaise Pascal que, ao comparar as ciências do raciocínio com as ciências da memória, afirmava que a primeira visava “descobrir verdades ocultas” e a segunda, reportava-se “dogmaticamente às sentenças pronunciadas por seus ancestrais” (LORIGA, 2009, p.14). O último ponto de vista é o do filósofo Francis Bacon, que via o esquecimento do passado como um indício de civilização (LORIGA, 2009).

Essa visão de que a História era uma disciplina subordinada ao passado, destinada a se submeter ao princípio da tradição se estabeleceu entre os séculos XVI e XVII e “ressurgiu no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Toda ciência estabeleceu como imperativo abandonar o passado” (LORIGA, 2009, p.14). Nas palavras de Paim (2010, p. 85), a disputa entre a História e a memória se acentuou a partir do

[...] início da modernidade capitalista, quando, então, a História passou a ser considerada uma ciência objetiva e expulsou de seu interior a possibilidade do uso dos valores, experiências, sentimentos, enfim tudo que o não fosse racional, sem posicionamentos, científico. Como a memória é pautada nas subjetividades, foi sendo afastada da construção dos conhecimentos históricos.

O surgimento de uma nova perspectiva da História e, conseqüentemente, da memória ocorreu na segunda metade do século XX, após o final da Segunda Guerra Mundial. Observou-se, nesse período, um momento bastante fértil de novas contribuições produzidas pela historiografia europeia (DURAN & BENTIVOGLIO, 2013).

Segundo Silva (2002, p.426), “a memória, tornou-se, nessa última década, um dos objetos centrais de análise dos historiadores do tempo presente, o que vem dando uma nova dimensão a esta categoria, que deixa de ser vista como simples objeto da história, para ser uma de suas matrizes”. Ela refere-se à primeira década do século XXI, período que, aparentemente, parece ter consolidado a memória enquanto categoria teórica salutar para a compreensão dos fenômenos sociais.

Tanto Silva (2002) quanto Duran & Bentivoglio (2013) destacam a França como país que efetivou um debate mais exaustivo da problematização da memória através da sua inscrição na História. Um dos motivos que assegurou essa proeminência à França foram os atores históricos que sobreviveram as tragédias do século XX (o holocausto, principalmente) que, durante esse período, desenvolveram a chamada história social da memória (SILVA, 2002).

O movimento da História Contemporânea foi outro fator relevante para revitalização da memória como objeto de estudo. Em entrevista para Arend & Macedo (2009), publicada na Revista do Programa de Pós-Graduação em História, *Tempo e Argumento*, o historiador Henry Rousso esclarece como a História do Tempo Presente, também chamada por alguns de História Contemporânea, modificou as relações que os historiadores mantinham com a forma de construir o conhecimento histórico. Ele explica que, no sentido etimológico do termo, a História Contemporânea é aquela em que “o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua” (ARENDE & MACEDO, 2009, p. 202). Esse novo dimensionamento dado à História deslocou as análises dos historiadores de eventos ocorridos na Idade Média ou Moderna, para eventos relacionados à História do trágico, ocorridos especificamente no século XX. No entanto, o autor ressalta que na França,

[...] a expressão ‘História Contemporânea’ possui outra significação, pois ela se desenvolve como segmento da disciplina histórica e da historiografia. No último terço do século XIX, nós consideramos que a data inaugural da História Contemporânea foi a Revolução Francesa. Portanto, ainda hoje, aqui na França no programa escolar/universitário a História Moderna termina com Luís XVI, o último grande rei, e a época contemporânea, a nossa, começa com a Revolução Francesa, em 1789 (ARENDE & MACEDO, 2009, p.202).

Rousso comenta que essa distinção não apresenta ambiguidade, porém ocasiona uma série de problemas. “Um deles é que a palavra ‘contemporânea’ não teria mais significações e seria simplesmente um recorte temporal, uma forma de abordar o tempo” (ARENDE &

MACEDO, 2009, p. 202). Uma outra questão seria a da “[...] percepção ideológica da História [...] que não é necessariamente política, mas se baseia em uma ideia simples”.

O autor relata que “a escolha do termo História do Tempo Presente foi simplesmente para se destacar do termo História Contemporânea que, na França, possui outra significação” (AREND & MACEDO, 2009, p.203). Para ele há duas razões para se distinguir História Contemporânea:

A primeira razão para se distinguir a História do Tempo Presente da História Contemporânea foi uma motivação técnica e semântica, pois queríamos mostrar ‘outra coisa’ [...]. Na segunda razão há também uma dimensão ideológica. Ideológica no sentido que não é qualquer História que será feita a partir dos anos 1980 e o IHTP [Instituto de História do Tempo Presente], assim como todos que trabalham com o tempo presente, buscou objetos particulares (AREND & MACEDO, 2009, p.203).

Alguns dos objetos elencados por Rousso durante a entrevista evidenciam que a História do Tempo Presente se alimentou, como já mencionado, da História do trágico. A história das guerras, de sistemas totalitários e de guerra civil compõe os principais objetos de pesquisa desse campo. O foco desses historiadores era na “história do paroxismo, na violência extrema, de sistemas políticos desconhecidos”, ou seja, “nas grandes “fraturas” do século XX”. É nessa perspectiva que a História do Tempo Presente encontrou novos fenômenos sociais, sendo o principal a questão da memória (AREND & MACEDO, 2009, p. 207).

O autor ainda destaca que na França, o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs não foi difundido entre os historiadores da década de 1970, ele mesmo comenta que não chegou a ler tal obra durante esse período. Ele alerta que a França teve suas discussões voltadas para os “fenômenos da sociedade francesa e em outras partes: as lembranças da Shoah¹⁹, as lembranças da guerra, o debate público sobre a tomada de consciência acerca da colaboração com os nazistas” (AREND & MACEDO, 2009, p.208).

Loriga (2009, p.15), ao discutir a relação entre História e memória, pontua que, ao longo de 1970, quando “houve uma espécie de revolta contra a pretensa história oficial, acusada de ser artificiosa e violenta” a memória passava a ser relevante para compreensão das relações sociais. A autora ainda pontua que

Aqui e ali, evocou-se até mesmo uma revanche da Memória sobre a História. Enquanto Ralph Samuel (1980 e 1994), um dos principais fundadores do *history workshop*, negava a diferença entre memória popular e a história,

¹⁹ Holocausto

Phillippe Ariès (1982) via na memória (individual e coletiva) o meio de deixar de lado a cronologia oficial dos acontecimentos públicos e, finalmente, apreender o mundo da vida cotidiana, submerso pela grande História. Como escreveu Yosef Hayim Yerushalmi (1988), no mundo de hoje, não devemos apenas contrastar a decadência da memória e o declínio da consciência do passado; também devemos enfrentar a violação brutal daquilo que a memória guarda em si, a distorção deliberada dos testemunhos históricos, a invenção de um passado mítico ‘a serviço dos poderes das trevas’ (LORIGA, 2009, p.15)

Montenegro (2013, p.20), ao abordar as relações entre História e memória, explicita que o campo da memória se constituiu “a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história”. A diferença, estabelecida pelo autor, se pauta no posicionamento de que enquanto “a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a História opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador”.

Nas últimas décadas do século XX, a memória ampliou as suas interfaces ganhando novas conotações, como também se associou com outros conceitos que oportunizaram elucidar novas compreensões das relações sociais constituídas no percurso histórico. “Muito se tem pensado, debatido, produzido e escrito sobre a memória, procurando decifrar seus enigmas, suas características, diferenças, semelhanças, aspectos coletivos e individuais [...] vivemos uma explosão da memória, especialmente das memórias orais” (PAIM, 2010, p.85). Isso porque,

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, topográficas, individuais, coletivas - dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO, 2010, p. 16).

Nesse contexto, a memória enquanto depoimentos orais, “não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória” (DELGADO, 2010, p. 18).

Thomson *et al.* (2006, p.65-66) ao refletirem as diferentes experiências e visões da teoria e da prática da História oral de países de língua inglesa, afirmam que:

[...] uma questão básica na história oral britânica e possivelmente também no de outros países é a dificuldade de estabelecer ligações entre os estimulantes e novos conhecimentos teóricos sobre a história de vida e memória, e as aspirações democráticas da história de vida e memória, e as aspirações democráticas da história oral como prática que recupera histórias não conhecidas e capacita as pessoas a fazer suas próprias histórias.

Mas, a partir dos anos de 1980, várias dinâmicas estabelecidas por grupos de estudos das universidades possibilitaram conferir à memória um caráter mais subjetivo. Através de novos métodos de análises e de entrevistas, os historiadores orais britânicos e australianos desenvolveram fundamentos mais complexos da memória.

Procuramos explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade, ou entre entrevistador e entrevistado. De fato, frequentemente estamos tão interessados na natureza e nos processos da rememoração quanto ao conteúdo das memórias que registramos (THOMSON *et al.* 2006, p.69)

Com efeito, nota-se que a memória ganhou espaço importante nas pesquisas históricas e sociológicas, sendo que, nos últimos anos, ela constituiu um campo específico, “quase uma nova maneira de fazer história” (RUSSO, 2006, p.94).

São muitas as tentativas, “em diversos campos do saber histórico, de delimitar fronteiras, aproximações e entrecruzamentos entre as concepções de história e memória que na atualidade tem definido essas formas de interpelação e usos do passado” (SANTOS, 2007, p. 81). Essa nova perspectiva sobre a memória, possibilitou novos caminhos para se apropriar do tempo, dos espaços, imagens, atos/ações, considerando que

Constitui-se memória, os rastros deixados pelas práticas humanas, o que indica que nossos movimentos/*performances* falam e registram, na memória individual e do grupo social, o que julgamos ser importante para outrem, mesmo quando ele é o nosso próprio eu. [...] Antes de ser registro, a memória foi acontecimento. Quanto a sua leitura, não há quem negue que também é memória e acontecimento. Falar é fazer acontecer e se justifica pela execução da voz enquanto possibilidade de memória (RODRIGUES, 2011, p. 140).

Nesse contexto, Rodrigues (2011, p.140) afirma que “construímos nossas memórias, obras fragmentadas que compõem uma obra maior, a história da sociedade. Uma história pautada por outras histórias: películas que registram, como que fascículos da história, a memória coletiva”.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos teórico-metodológicos de um trabalho científico representam parte importante do processo da pesquisa. A escolha da história oral como método de investigação ocorreu com base na possibilidade de evidenciar, a partir da oralidade, a história de vida das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano.

Para garantir o zelo científico do estudo, realizamos um exame exaustivo em torno do método. Os autores como Alberti (2006), Amado & Ferreira (2006), Pereira (2013), Santhiago & Magalhães (2013) contribuíram com a construção teórica que trata do cerne do trabalho com a história oral. As reflexões traçadas através dos textos analisados evidenciam o percurso histórico que concedeu à “fala” *status* de documento oral.

Em seguida, o *corpus* que sustenta este capítulo relata as especificidades do trabalho de campo, apresentando o universo da pesquisa, os objetos e suas simbologias e de como se deu a escolha das entrevistadas. O resultado do processo de objetivação gerou aquilo que se constitui alicerce da ação científica deste trabalho: as narrativas das mulheres rendeiras.

3.2.1 Apresentando o método

Para evidenciar a memória e as narrativas das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano, de modo a compreender o universo simbólico de seus saberes e fazeres, é necessário um método que possa privilegiar a subjetividade dos depoimentos, tornando-os as principais fontes de pesquisa.

A partir de minuciosas análises dos possíveis procedimentos metodológicos capazes de transformar o testemunho oral no elemento estruturador da investigação, considerou-se que a História Oral é a dimensão metodológica que possibilita ampliar o conhecimento sobre as experiências e as práticas desenvolvidas pelas rendeiras. Isso porque “poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológico estão indissociavelmente interligadas” (AMADO & FERREIRA, 2006. p. xi). Além disso, “ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2006, p.155).

Outro fator relevante é o seu caráter multidisciplinar, que a permite estabelecer um diálogo fecundo com diversas disciplinas das Ciências Humanas (História, Antropologia,

Sociologia). Não obstante, mantém uma “relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc.” (ALBERTI, 2005, p.17).

Por ser relativamente um método novo, a história oral, segundo Amado & Ferreira (2006), possui uma baixa quantidade de livros e artigos em português, mesmo tendo adquirido notoriedade nas discussões acadêmicas.

Além disso, Alberti (2005, p.17) aponta que a História Oral, “dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”.

Amado & Ferreira (2006) também tratam das variantes que configuram o *status* da História Oral. Elas, assim como Alberti (2005), evidenciam a sua postura metodológica e técnica, no entanto, mais uma variável é acrescentada em suas discussões - a História Oral como disciplina.

Nesse contexto, o presente capítulo busca suscitar as trajetórias, os desafios e a fecundidade da História Oral, para posteriormente explicitar o seu direcionamento nesta pesquisa.

3.2.2 O percurso histórico da História Oral

A oralidade, como fonte geradora de conhecimento de certos acontecimentos ou conjunturas, sempre esteve presente, mesmo que de forma menor, nos registros da História. Alberti (2006, p.156) destaca que os historiadores da Antiguidade, Heródoto, Tucídides e Políbio, já utilizavam “esse procedimento para escrever acontecimentos de sua época”.

Outro momento importante mais que temporal que irá apresentar o uso de aspectos da História Oral são os anos de 1918 a 1920, com a obra de William Thomas e Florian Znanieck, *The Polish Peasant in Europa in America*. Essa produção se tornou um marco para os estudos com base nos testemunhos orais. Na obra de cinco volumes, os autores publicaram histórias de vida de imigrantes poloneses (ALBERTI, 2006).

Segundo Eufrazio (2008), foi a primeira a combinar construção teórica com pesquisa empírica de maneira integrada, sendo um marco para sociologia americana. A utilização de documentos pessoais (cartas) e das histórias de vida na pesquisa empírica sociológica foi

considerada pelos intelectuais da época como algo inovador, o que conferiu a obra o *status* de uma das mais importantes da Escola de Sociologia de Chicago²⁰.

Alberti (2006, p.156) enfatiza que as experiências dos historiadores da Antiguidade, como também as dos pesquisadores poloneses da Escola de Chicago “são apontados como ‘percussoras’ da História oral moderna, que delas se distingue, principalmente, por exigir a gravação do relato, em áudio e/ou em vídeo, e também por pressupor uma situação de entrevista com objetivos bastante específicos”.

É na década de 1940, do século XX, com o surgimento do gravador a fita, que a História Oral “moderna” efetiva o seu marco. O jornalista Allan Nevins junto com Louis Starr desenvolveu o *Columbia University Oral History Research Office*, programa de História oral da Universidade de Columbia, em Nova York. Esse programa tinha como foco a realização de entrevistas, voltado para “a recuperação de informações acerca de atuação dos grupos dominantes norte-americanos” (FERREIRA, 1998, p.04). Ou seja, “personalidades destacadas da história norte-americana, homens que tiveram participação reconhecida na vida pública, econômica e cultural do país” (ALBERTI, 2006, p.156).

Concomitantemente, outras experiências relacionadas à História Oral surgiram na Europa, “como a coleta de relatos de chefes da Resistência Francesa no imediato pós-guerra” e “a transcrição de testemunhos sobre a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha” (ALBERTI, 2006, p.157).

Joutard (2006, p.45), ao analisar sete trabalhos que realizam um balanço sistemático sobre a História Oral como método de pesquisa e conteúdo, afirma que “no México, desde 1956, os arquivos sonoros do Instituto Nacional de Antropologia registram as recordações dos chefes da revolução mexicana (Scharwzstein)”. Esse trabalho foi intensificado por Alicia Oliveira e Eugenia Meyer, nas décadas de 1960 e 1970 (ALBERTI, 2006, p. 157).

Para Ferreira (1998, p.04), “esse primeiro ciclo de expansão do que se chamou de história oral privilegiou o estudo das elites e se atribuiu a tarefa de preencher as lacunas do registro escrito através da formação de arquivos com fitas transcritas”. Esse ciclo ficaria conhecido como “a primeira geração da História oral”, segundo o autor Phillippe Joutard (2006).

²⁰ A Escola de Chicago consistiu em um grupo de pessoas que realizou um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados no período compreendido entre 1925 e 1940 por professores e estudantes da Universidade em Chicago. Uma das mais importantes contribuições dos sociólogos de Chicago foi o desenvolvimento de métodos originais de investigação, que iam desde a utilização de documentos pessoais, passando por trabalhos sistemáticos de campo e chegando à exploração de diferentes fontes documentais (TEODÓSIO, 2003).

Com o aperfeiçoamento do gravador portátil, nos anos de 1960, surge uma nova geração de pesquisadores que tiveram a oportunidade de “congelar” o depoimento, o que possibilitou “sua consulta e avaliação em qualquer tempo e transformando-o em fonte para múltiplas pesquisas” (ALBERTI, 2005, p. 19). Em decorrência do melhoramento tecnológico do gravador, “tornaram-se frequentes também as “entrevistas de história de vida” com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo” (ALBERTI, 2006, p.157).

Em suas análises do processo histórico que constituiu a História Oral, Joutard (2006, p.45) comenta que essa nova geração rompe, de certa forma, com a geração anterior, pois trata dos depoimentos não mais como uma simples fonte complementar do material escrito, e sim ‘de uma outra história’, sendo “afim da antropologia, que dá voz aos ‘povos sem história’, analfabetos, que valoriza os vencidos, os marginais e as diversas minorias, operários, negros, mulheres”. Essa geração estava preocupada em evidenciar os sujeitos invisibilizados pela história e, conseqüentemente, marginalizados pelas práticas sociais estabelecidas neste período.

Foi à fase conhecida como da História oral ‘militante’, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para ‘dar voz’ às minorias e possibilitar a existência de uma História ‘vinda de baixo’. Esses pesquisadores procuravam diferenciar-se da linha seguida pelo Columbia History Office, que privilegiava o estudo das elites, e, por isso mesmo, passou a ser visto como exemplo daquilo que não se deve fazer (ALBERTI, 2006, p.157).

Ferreira (1998, p.04) ressalta que durante a fase da história oral militante, os Estados Unidos vivenciaram (1965-1977) um significativo processo de expansão e desenvolvimento dos centros de História Oral, “ampliando-se o seu número de 89 para mil unidades”. Entre eles, Ferreira (1998) destaca a American Oral History Association, criada em 1967 e presidida por Allan Nevins. Durante este ciclo, os estudos que reproduziram entrevistas sobre a trajetória e a vida cotidiana de camponeses e trabalhadores fizeram muito sucesso neste país e na Europa (ALBERTI, 2006).

Joutard (2006, p.45) relata que “na Itália, sociólogos como Ferraotti e antropólogos como De Martino ou Bosio, próximos dos partidos de esquerda”, utilizavam “a pesquisa oral para reconstituir a cultura popular”. Alberti (2006, p.157) reitera que “na França, chegou a ser publicada uma coleção com o nome sugestivo de ‘Vivências’ com relatos” de camponeses e trabalhadores.

Nos Estados Unidos, a guerra do Vietnã²¹ e as lutas pelos direitos civis²² se tornaram as principais temáticas da história oral militante (FERREIRA, 1998). De acordo com Ferreira (1998, p.04), a proposta militante, “não teve boa acolhida entre a comunidade acadêmica, e menos ainda entre os historiadores”. Por ter ficado “à margem do mundo universitário”, ela passou a ser “praticada por não profissionais, feministas, educadores, sindicalistas (Dunaway)” (JOUTARD, 2006, p.45). No entanto, “a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas” que, por terem passado por um amplo movimento de transformação, acabaram reconhecendo “a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade” (ALBERTI, 2006, p.158).

Essa nova perspectiva das Ciências Humanas levaria em consideração as potencialidades do novo método que com o tempo foi aceito e incorporado às práticas acadêmicas. A História Oral balizou-se como “instrumento de construção da identidade de grupos e de transformação social” (FERREIRA, 1998, p. 04). Como também, marcou-se como metodologia devido à forma como passou a ser vista pelos pesquisadores após a sua expansão e pelas suas práticas que a configuraram como método.

Esse novo dimensionamento dado à História Oral irá ocasionar, na década de 1970, a sua passagem de “militante” à “acadêmica”. Ferreira (1998) aponta que este transcurso não foi realizado de forma harmoniosa. Mesmo ganhando *status* científico, a História Oral enfrentou fortes resistências nas universidades.

O surgimento de revistas²³ com foco na temática, como também publicações de alguns manuais de História Oral, marcam o início dessa que seria uma nova etapa. Durante esse período, os estudos desenvolvidos buscaram realizar reflexões metodológicas, aliar atividade científica com prática arquivística e conceber a produção de entrevistas por meio de projetos de pesquisas (ALBERTI, 2006).

²¹ A Guerra do Vietnã foi o conflito armado mais longo e sangrento após a Segunda Guerra Mundial. Com uma forte motivação ideológica, este combate representou o enfrentamento militar entre o Capitalismo e o Socialismo e se propagou por boa parte do Sudeste Asiático (Indochina) entre 1955 e 1975, atingindo o Vietnã do Norte e do Sul, bem como as regiões do Laos e Camboja. Não obstante, entre os anos de 1959 e 1964, somente os vietnamitas participaram efetivamente da guerra, até que os EUA enviam soldados para o combate. Em números, cerca de quatro milhões de vietnamitas, dois milhões de cambojanos e laocianos e mais 58 mil soldados norte americanos morreram; outros milhões ficaram feridos e mutilados.

²² Segregação formal e informal, linchamento e violência policial, discriminação no emprego, na educação e nos serviços públicos, falta de direitos políticos, pobreza extrema - tudo isso caracterizava a vida de negros nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Inundados com as mensagens de liberdade e prosperidade do discurso oficial e popular alimentado nessas décadas, mas não desfrutando plenamente do progresso econômico e social, negros construíram o mais importante movimento social na história dos Estados Unidos, o "movimento por direitos civis". Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/direitos-civis-eua-apresentacao>>

²³ Em 1973 surgem a *Oral History Review*, publicação da norte-americana Oral History Association, fundada em 1966, e a revista *Oral History*, da Oral History Society britânica (ALBERTI, 2006, p.159).

A consolidação da História Oral acadêmica, segundo Joutard (2006), dá-se a partir dos encontros internacionais que reuniram pesquisadores da Europa e dos Estados Unidos. Alberti (2006) destaca que o primeiro encontro internacional ocorreu em 1978, em Essex, na Grã-Bretanha. Esse evento foi responsável por reunir parte da “velha guarda²⁴” da História Oral.

Para Joutard (2006, p.46), os dois encontros internacionais que marcaram a História Oral acadêmica como corrente foram, o XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas de San Francisco, em 1975, no qual “realizou-se uma mesa redonda intitulada *A História Oral como Nova Metodologia para a Pesquisa Histórica*”. E o outro evento ocorreu um ano depois, na Bolonha, “considerado o primeiro colóquio internacional de história oral, significativamente intitulado *Antropologia e História: Fontes orais*”.

A realização desses eventos permitiram fecundas trocas de experiências entre os pesquisadores, como também a constituição de grupos de pesquisa que fomentariam relevantes estudos com base na História Oral.

É na década de 1980 que observamos as transformações geradas pelos acontecimentos da década anterior. Estudos de temas contemporâneos, a revalorização das análises qualitativas, a retomada da importância das experiências individuais e o impulso dado à História Cultural²⁵ são conquistas alcançadas pelos núcleos e programas de pesquisas espalhados pelo mundo (FERREIRA, 1998).

Os eventos internacionais²⁶ durante esse período também se intensificaram, o que possibilitou “a criação de uma verdadeira comunidade de história oral” (JOUTARD, 2006, p.48). Mercedes Vilanova organizou na Espanha, em 1985, o V Colóquio Internacional de Barcelona, com o objetivo de incentivar o uso de fontes orais nas pesquisas. Joan Miralles organizara em 1984, na Universidade de Mallorca, um colóquio sobre o tema, e Carmen Nieto

²⁴ Mercedes Vilanova (Espanha), Eugenia Meyer (México), Ronald Grele (Estados Unidos), Paul Thompson (Grã-Bretanha), Luisa Passerini (Itália), Daniel Bertaux (França) e Lutz Niethammer (Alemanha).

²⁵ As cismas causadas pelas agitações que assinalaram o “Maio de 1968”, na França se desdobrou, entre outras coisas, na emergência da História das Mentalidades. A partir dos anos 1980, esta área de estudos foi, por assim dizer, incorporada à NHC (Nova História Cultural), um movimento que desbordou a França para afirmar-se como um conjunto de propostas, abordagens e procedimentos articulados entre a História, a Antropologia e a Crítica Literária, cujos eixos irradiadores mais significativos se localizaram também na França, na Inglaterra, na Itália, nos Estados Unidos e na Alemanha. De acordo com o autor, Peter Burke, a “história cultural (...) foi redescoberta nos anos 1970 (...) Desde então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico”. Com o propósito de explicar “não apenas a redescoberta, mas também o que é história cultural, ou melhor, o que os historiadores culturais fazem”, ele dá ênfase “às diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições compartilhados”, combinando, para isso, “duas abordagens opostas, embora complementares: uma delas interna, preocupada em resolver os sucessivos problemas no interior da disciplina, e outra externa, relacionando o que os historiadores fazem ao tempo em que vivem” (p. 7) (ROIZ, 2007, p. 236-237).

²⁶ Entre eles, destacam-se o de Amsterdam em 1980, Aix-en-Provence em 1982, Barcelona em 1985, Oxford em 1987, América Latina em 1988. Cf. Joutard, 2006.

promoveu um seminário, na Universidade Madrilena da Complutense, que posteriormente seria realizado bianualmente (JOUTARD, 2006).

Em 1986, a Sociedade de Ciência Histórica japonesa organizou o primeiro simpósio de História Oral, no qual se destacaram os debates teóricos e historiográficos em torno do tema, dando ênfase à história da última guerra (JOUTARD, 2006, p.48).

No continente americano, em 1988, Eugenia Meyer, coordena o I Encontro de Historiadores Orais de América Latina e Espanha, sediada na cidade do México pelo Instituto Mora (ALBERTI, 2006). Sobre o propósito desse encontro, vejamos:

O objetivo era constituir uma rede de intercâmbio alternativa à que, no plano internacional, ocorria predominantemente no Eixo Europa-Estados Unidos. O evento contou com a participação de cerca de cinquenta pesquisadores, provenientes de Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Espanha, Estados Unidos (Centro de Estudos Porto-riquenhos), Peru, Porto Rico, Uruguai e Venezuela, além do próprio México (ALBERTI, 2006, p.161).

Para Joutard (2006, p.49), “foi um período de reflexões epistemológicas e metodológicas, no qual se contestou a idéia ingênua de que a entrevista permitia atingir diretamente a realidade”. Alberti (2006, p.161) reitera que “foram publicadas importantes coletâneas de artigos, reunindo os nomes mais expressivos da época”²⁷.

O aprofundamento dos debates acerca das relações entre passado e presente; a concentração das pesquisas históricas com atenção para História Política e Cultural, articuladas por uma nova postura, na qual depoimentos, relatos pessoais e biografias ganharam novos significados, permitiram que a História Oral ocupasse um novo espaço nas discussões historiográficas atuais (FERREIRA, 1998).

Toda essa conjuntura de fatores resultou na década de 1990 em uma intensa participação de pesquisadores e instituições nos encontros acadêmicos organizados a partir desse período (ALBERTI, 2006).

A publicação “História Oral: desafios para o século XXI”, organizada por Ferreira, Fernandes e Alberti (2000, p.11), que reúne as conferências proferidas durante o X Congresso Internacional de História Oral, constituiu-se relevante produto acadêmico que registra a ampliação do número de pesquisadores de diferentes países²⁸, como também “uma maior

²⁷ *Las historias de vida em ciencias sociales*, organizado por Jorge Balán (1974), *Biography and Society*, organizado por Daniel Bertaux (1981), números especiais das revistas *Annales* (1980), *Cahiers Internationaux de Sociologie* (1980), *Dados* (1984), *Actes de la Recherche em Sciences Sociales* (1986) e *Cahiers de l'Institut d' Histoire du Temps Présent* (1987). Cf. Joutard, 2006, p.49.

²⁸ Na apresentação do livro, as organizadoras afirmam que o congresso contou com mais de trezentos congressistas provenientes de 25 países. Cf. Ferreira, Fernandes e Alberti, 2000, p.11.

institucionalização do movimento da história oral, com a criação da Associação Internacional de História Oral (IHOA – International Oral History Association)”. Além disso, observa-se que as discussões reunidas pelas autoras representam um momento fecundo da História Oral, pois sintetiza não apenas o aprimoramento de temas já clássicos, mais também a inserção de novas questões.

Joutard (2006, p.50) explica que, para David Dunaway, a década de 1990 marca o advento da quarta geração,

Nascida nos anos 60, que vive ‘naturalmente’ em um mundo de som e de oralidade, influenciada nos Estados Unidos pelos movimentos críticos pós-modernistas, o que se traduz na valorização da subjetividade, consequência ou mesmo, para alguns, finalidade da história oral.

Essa nova geração iria inovar e ampliar as pesquisas de História Oral. Observa-se que velhos temas voltariam à tona, contudo, de forma mais sistemática, tentando seguir as normas exigidas pelo rigor científico.

Ao avaliar a História Oral nesse decênio, Ferreira (1998, p.10) detecta a existência de duas linhas de trabalho com abordagens distintas. A primeira utiliza a História Oral para trabalhar com os depoimentos orais de forma que eles se tornem meios para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. A segunda “privilegia o estudo das representações e atribui um papel central as relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado”.

Os autores da primeira abordagem²⁹, voltaram-se “tanto para os estudos das elites, das políticas públicas implementadas pelo Estado, como para a recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias” (FERREIRA, 1998, p.09). Esse grupo buscava garantir “o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos” (FERREIRA, 1998, p.09), na tentativa de se não eliminar, pelo menos controlar a subjetividade contida nos relatos.

Os autores da segunda abordagem³⁰, ao contrário da primeira, valorizavam “a subjetividade, e as deformações do depoimento oral”, esses aspectos não eram vistos como negativos, pois “as distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um

²⁹ A maioria dos trabalhos de Paul Thompson e grande parte da História Oral norte-americana (FERREIRA, 1998, p.10).

³⁰ São representativos desta visão os trabalhos dos pesquisadores do Institut d’Histoire du Temps Present, na França, especialmente Michael Pollak, e do Centro para Estudos Culturais Contemporâneos, localizados em Birmingham, na Inglaterra. Mais recentemente Paul Thompson parece estar incorporado a discussão dos usos da memória e das representações, como indica a publicação conjunta com Raphael Samuel, *The myths we live by* (LONDRES, 1990) (FERREIRA, 1998, p.10).

problema”, já que “a veracidade dos depoimentos não são a preocupação central” dos que seguiam essa linha de estudo (FERREIRA, 1998, p.10).

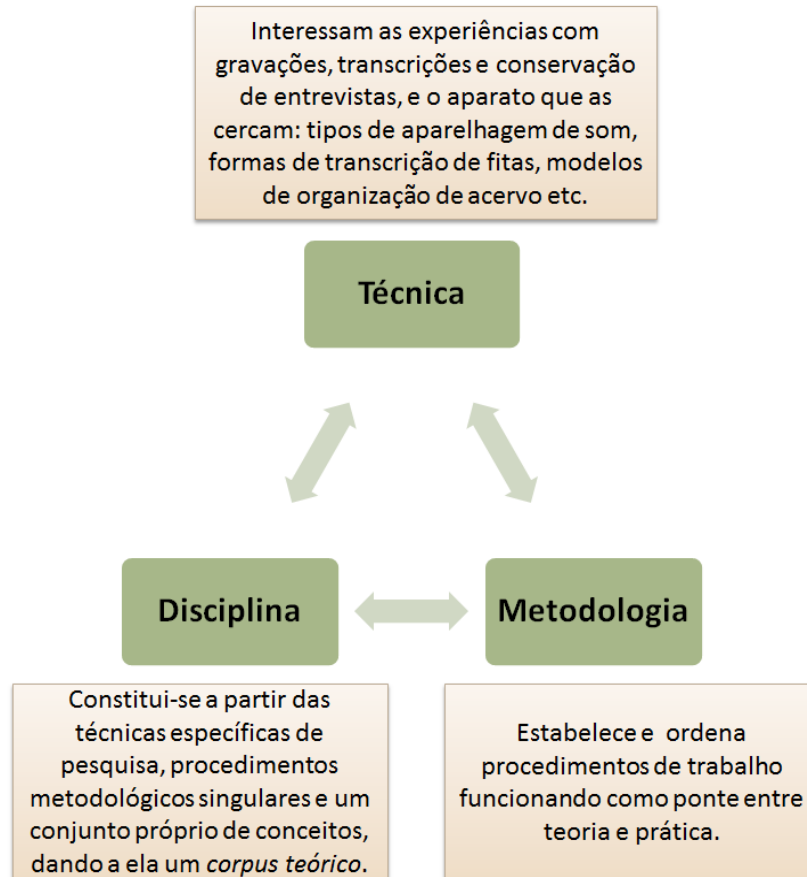
A reconciliação da História Oral com a academia ocorreu, mais uma vez, a partir “das novas tendências de pesquisas nas Ciências Humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado” (ALBERTI, 2006, p.164).

O surgimento das novas tendências decorre das grandes mudanças que ocorreram no campo socioeconômico e político, da cultura, da ciência e da tecnologia nas últimas duas décadas do século XX. O ano 2000 é considerado um momento de balança e de reflexão, tendo em vista as expectativas geradas para o futuro, da perplexidade que a humanidade vive ao perceber que o homem caminha para sua autodestruição e, conseqüentemente, para a destruição do planeta, e por estar passando por uma crise de concepções e paradigmas (GADOTTI, 2000).

Nos últimos dezessete anos (2000-2017), a História Oral se encontra definitivamente consolidada e disseminada pelo mundo. No entanto, a discussão que ela fomenta hoje não é em relação a sua legitimidade científica, mas sim em torno de seu *status*. Considerando que sua recente configuração se materializa “em meio a diversas concepções que se entrecruzaram, algumas pouco claras, disputando com ferocidade espaços e audiências” (FERREIRA & AMADO, 2006, p. XI).

Ainda que se apresente de forma multidisciplinar, a História Oral, segundo Ferreira & Amado (2006, p. XII), pode ser resumida, atualmente, em “três principais posturas” a respeito do seu *status*. “A primeira advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira uma metodologia”. A Figura 1 sintetiza a seguir os aspectos que integram o *corpus* das posturas elencadas pelas autoras acima citadas.

Figura 25. As principais posturas da História Oral



Fonte: Adaptado de Amado & Ferreira (2006).

Lozano (2006) explica que, para os pesquisadores que exercem um estilo de faceta técnica, a principal preocupação é executá-la corretamente, ou seja, “um conjunto de procedimentos técnicos para utilização do gravador em pesquisas e para a posterior conservação das fitas” (AMADO & FERREIRA, 2006, p. XII). Já os pesquisadores que são adeptos a faceta metodológica “tendem a adotar uma postura abstrata e com interesses explícitos voltados para a conceitualização e a reflexão...” (LOZANO, 2006, p.21).

A História Oral como metodologia permite “o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2006, p.165).

Ferreira & Amado (2006), em “Usos e abusos da História Oral”, mesmo apresentando as várias configurações que concernem o objeto de estudo, posicionam-se como postulantes da História Oral na qualidade de método.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias

possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como parte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática (FERREIRA & AMADO, 2006, p. XVI).

François (2006) evidencia em seu artigo “A fecundidade da história oral”, várias experiências e argumentos que envia a História Oral na perspectiva de disciplina. Em seus apontamentos, o autor afirma que a História Oral origina novos objetos e novos documentos orais, além de promover interações significativas entre o historiador e os sujeitos da história.

O grupo de estudiosos que confere a História Oral o *status* de disciplina “baseiam-se por vezes em argumentos complexos, por vezes contraditórios entre si” (FERREIRA & AMADO, 2006, p. XIII). Para eles,

A história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo de conhecimento (FERREIRA & AMADO, 2006, p. XIII).

A partir da caracterização das três posturas da História Oral, observa-se como a sua multidisciplinaridade possibilita aos pesquisadores caminhos profícuos para compreensão e estudos das várias realidades que se materializam nas relações cotidianas ou no conhecimento de experiências e modos de vida que se constituíram através dos processos históricos. Qualquer que seja a postura utilizada pelo pesquisador, o levará a uma significativa produção da História, mesmo os autores apresentando as suas limitações.

No entanto, “é preciso ter bem claro por que, como e para que se fará uma pesquisa utilizando história oral, e não adotar posturas ingênuas” (ALBERTI, 2006, p. 189). Por essa razão, todas as considerações realizadas até momento destacaram a dinâmica que perpassou a História Oral moderna, o que possibilitou um melhor entendimento de sua trajetória e de suas discussões acadêmicas. O nosso próximo ponto de discussão é compreender como ela se instituiu no Brasil.

De forma geral, observa-se na literatura especializada, que a História Oral chega ao Brasil nos anos 1970. Mas, a partir de uma leitura atenta das obras de Alberti (2006), Ferreira & Amado (2006) e Pereira (2013), nota-se que não é a sua chegada que inicia nesse período, e sim o começo de sua consolidação como objeto de estudo.

No artigo *Trajectoria e desafios no percurso da história oral brasileira*, Pereira (2013, p.113-114) relata que os anos de 1950 vivenciam as primeiras discussões sobre a História Oral “como objeto de reflexão por parte de um grupo de cientistas sociais alojados na Universidade de São Paulo”.

O grupo de São Paulo³¹, coordenado pelo sociólogo francês Roger Bastide, examinava “a possibilidade de utilização de depoimentos orais na análise sociológica” (PEREIRA, 2013, p.114). Esse grupo buscava em, suas discussões, solucionar o problema do vínculo dos aspectos psicológicos nos depoimentos orais. A solução para esta problemática foi encontrada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (integrante do grupo), que estabeleceu o seguinte procedimento:

[...] a comparação de diversas histórias de vida, buscando depreender o comum a elas e o individual, o geral e o particular. Assim, um estudo sociológico que quisesse utilizar unicamente história de vida, deveria buscar muitas delas, a fim de escapar da psicologia (PEREIRA, 2013, p.114).

Alberti (2006) apresenta um contexto distinto de Pereira (2013). Ela afirma que as discussões e as práticas relacionadas à História Oral surgem a partir do movimento de difusão, que ocorreu no início da década de 1970 e resultou na implantação de vários programas acadêmicos, dos quais originou-se o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Um fator que colaborou para fomentação deste programa foi à realização do

I Curso Nacional de História Oral, organizado pelo subgrupo de História Oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDSCS), formado em dezembro do ano anterior por representantes de quatro instituições: a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Entre os cerca de quarenta alunos inscritos no curso, havia membros de diferentes instituições do país (ALBERTI, 2006, p.160).

Esse curso também contribuiu para o surgimento do Laboratório de História Oral do programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Santa Catarina. O professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, que criou o Laboratório, publicou um manual de História Oral três anos após o dito curso.

Os pesquisadores do CPDOC dedicaram-se a estudar duas vertentes que foram tradicionalmente marginalizadas dentro da História oral, durante o seu período militante:

³¹ Maria Isaura Pereira de Queiroz, Renato Jardim Moreira e Florestan Fernandes Cf.

História Política e o estudo das elites (RIBEIRO, 2011). O primeiro trabalho desenvolvido pelo CPDOC se concentrava em evidenciar “a trajetória e o desempenho das elites brasileiras desde a década de 1930” (ALBERTI, 2006, p.160). O grupo, a partir das entrevistas, buscava examinar o processo que constituiu o Estado Brasileiro.

Segundo Ribeiro (2011), o CPDOC prestou alguns serviços relevantes para sociedade brasileira. O Centro criou um banco de dados de utilidade pública e acadêmica da memória brasileira, deu credibilidade aos estudos de História Política e garantiu um maior rigor e *status* científico do depoimento oral para além do simples suporte documental.

O grupo da Universidade de São Paulo (USP), por sua vez, voltara a produzir trabalhos tendo a História Oral como metodologia, no início dos anos de 1980³². As pesquisas do grupo organizado por Maria Isaura Pereira de Queiroz³³ tinha como foco os estudos rurais e urbanos, os quais utilizavam da história de vida dos indivíduos para realizar as análises sociológicas.

Para Alberti (2006), a década de 1980 assistiu a um processo de consolidação de que vinha acontecendo na anterior. Ribeiro (2011) comenta que com a abertura política em 1983, os programas acadêmicos promoveram debates, captaram experiência em torno da oralidade e buscaram, a partir da gravação de depoimentos, garantir a preservação da memória. Duas linhas de pesquisa se iniciavam nesse período: literatura memorialística e história oral. Nesse sentido, observa-se que o interesse pelo material oral se tornou latente por museus, arquivistas e grupos de estudos.

No Brasil, ao longo da década de 1980, formaram-se núcleos de pesquisa e programas de História oral voltados para diferentes objetos e temas de estudo. Um levantamento realizado pelo CPDOC entre 1988 e 1989 e publicado com apêndice na primeira edição do seu manual de História Oral, revelou a existência de pelo menos 21 instituições de pesquisa que se dedicavam a trabalhos com a História oral em dez estados diferentes (ALBERTI, 2006, p.161).

A expansão da História Oral no plano internacional e o processo de redemocratização que se estabelecia nas décadas de 1980 a 1990 no Brasil ocasionaram um novo dinamismo as pesquisas e estudos. O crescimento de produções acadêmicas na década de 1990 inseriu a História Oral em um relevante patamar. Isso porque o *boom* da História

³² Isso porque a História Oral passou por um período progressivo de marginalização. E na conjuntura nacional, o golpe de 64, também, coibiu experiências de projetos que gravassem depoimentos. Desta forma, a história oral, no plano internacional, expandia-se e no Brasil se retraía. Cf.

³³ Maria Isaura coordenava na época o Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU).

Oral, nesse período, ocorreu por meio “de mudanças no próprio campo da história, com o rompimento do paradigma estruturalista, mas também a partir das transformações mais gerais na sociedade brasileira” (FERREIRA, 1998, p.22).

Alberti (2005) aponta que a fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) foi um importante marco institucional que impulsionou pesquisadores e interessados no assunto a organizarem encontros regionais e nacionais.

Ferreira (1998, p.23) destaca, em *Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil*, três grandes encontros realizados por iniciativa de instituições acadêmicas e pela ABHO: “o II Encontro Nacional de História Oral (Rio de Janeiro, 1994), o I Encontro Regional da região Sul-Sudeste (São Paulo/Londrina, 1995) e o III Encontro Nacional (Campinas, 1996)”.

No primeiro encontro elencado pela autora, o processo de articulação entre os pesquisadores foi o principal resultado deste evento, que “contou com a participação de 250 pesquisadores, dos quais 60 apresentaram papers” (FERREIRA, 1998, p.24). No segundo, a predominância de participantes do meio acadêmico, apontando os historiadores como maioria: “Do ponto de vista do conteúdo dos trabalhos, pôde-se perceber um maior interesse por questões metodológicas e por temas ligados a cultura popular³⁴” (FERREIRA, 1998, p.24). No terceiro, os historiadores ligados à academia foram novamente maioria, no entanto, pesquisadores vinculados a órgãos da administração pública e entidades de classe e arquivistas se fizeram presente, diversificando o grupo de participantes. Nesse evento, o número de estudos cresceu consideravelmente, dando foco as camadas populares, especificamente aos meninos de rua e o movimento dos trabalhadores sem terra (FERREIRA, 1998, p.24).

Em 1998, outro evento irá demarcar a América Latina como importante produtora de trabalhos acadêmicos com base na História Oral, o X Congresso Internacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2011). Esse evento contou com mais de trezentos congressistas oriundos de 25 países. Ele se tornou um marco histórico da História Oral, considerando o seu deslocamento geográfico, que saiu do eixo Europa/Estados Unidos. A realização desse congresso em um país da América Latina abriu “um imenso espaço de renovação e de democratização deste campo de trabalho” (FERREIRA, FERNANDES & ALBERTI, 2000, p.11).

³⁴ Nesse evento foram apresentados 49 papers (AMADO & FERREIRA, 2006).

O Congresso de 1998 representou a consolidação dessa nova tendência, ao integrar um número expressivo de pesquisadores da América Latina, que contribuíram para o desenvolvimento e a divulgação de novas temáticas, articuladas aos problemas e desafios sociais existentes na região. Entre essas temáticas, podemos citar: a questão agrária, em especial o Movimento Sem-Terra; a questão étnica e a mestiçagem; os contratos urbanos e a situação dos meninos de rua; as comunidades indígenas, o extrativismo e a problemática amazônica; novas manifestações religiosas; as ditaduras militares e o problema dos desaparecidos políticos, além de outras, é claro (FERREIRA *et al.* 2000, p.11-12).

Os encontros realizados na década de 1990 possibilitaram o crescimento de múltiplas experiências e uma quantidade significativa de trabalhos. Dois processos foram consolidados durante esse período, o da reafirmação e o da institucionalização da História Oral no mundo acadêmico (RIBEIRO, 2011).

Os “anos de ouro³⁵” da História Oral brasileira a consagrou “como um recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente” (SANTHIAGO & MAGALHÃES, 2013, p.10). Atualmente, nota-se que os eventos nacionais buscam estimular a continuidade da discussão sobre os desafios contemporâneos da História Oral. Essa tendência é marcada por um fecundo diálogo em torno da diversidade.

Santhiago & Magalhães (2013, p.11) apontam cinco direções dos desafios e das potencialidades da História Oral. A primeira diz respeito ao enfoque dado ao “método em sua conexão com os estudos da memória”; a segunda “em sua atualização metodológica e interpretativa” sobre as histórias de vida; a terceira “em sua relação com o lastro de erudição que a precede”; a quarta “em suas múltiplas possibilidades de usos”; e a última “em sua aplicação a terrenos temáticos que se descortinam”.

O nosso estudo se apoia na primeira direção apresentada pelos autores, isso porque o nosso objetivo é evidenciar a memória, as narrativas das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano.

Diante das questões expostas, observamos que a História Oral representa um significativo recurso de investigação que permite dimensionar os aspectos teóricos e metodológicos em torno da oralidade. A contextualização histórica aqui desenvolvida evidencia a relevância desta temática para os trabalhos e pesquisas de ordem qualitativa, nas quais o aspecto humano é o principal objeto de estudo.

³⁵ Refere-se aos anos de 1990, termo utilizado por Maria de Lourdes Monâco Janotti “(SANTHIAGO & MAGALHÃES, 2013, p.10).

4 ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA, AS PRÁTICAS COTIDIANAS E AS VOZES DAS MULHERES RENDEIRAS

O processo histórico que permitiu a difusão da renda renascença no Cariri Paraibano está carregado de “esquemas culturais” (BURKE, 2005) que, ao longo do tempo, materializaram-se na diversidade de riscos, nas variedades de pontos e na formação de gerações. A manutenção dos atos simbólicos (os saberes e os fazeres) fazem da renda renascença expressão dos gestos e dos saberes que são próprios das rendeiras.

A dinâmica histórica cultural estabelecida por esse grupo de mulheres concretiza-se na vida cotidiana, que “propicia uma rede de interação dos seus saberes, enquanto relações sociais, familiares, econômicas, artísticas e educacionais” (FECHINE, 2013, p. 107).

Berger & Luckmann³⁶ (1998, p.35) afirmam que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. Para Agnes Heller³⁷ (2008, p. 31) que, diferentemente dos autores, parte da concepção marxista para compreender as questões culturais de nosso tempo³⁸,

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologia. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade.

³⁶ Esses autores se distanciam da perspectiva marxista e se aproximam das duas mais famosas e influentes “ordens de marcha” da sociologia: uma foi dada por Durkheim em *As regras do método Sociológico*, a outra por Weber em *Wirtschaft und Gesellschaft* (Economia e Sociedade). A primeira é “considerar os fatos sociais como coisas” (Durkheim). A segunda está na premissa de que “tanto para a sociologia no sentido atual quanto para a história, o objeto de conhecimento é o complexo de significados subjetivo da ação” (Weber). Para os autores da sociologia do conhecimento “estes dois enunciados não são contraditórios” (Berger & Luckmann, 1998, p. 33).

³⁷ A autora foi integrante da Escola de Budapeste, formada pelos discípulos mais próximos de Georg Lukács. O seu livro *O cotidiano e a história* é considerado um dos mais importantes exemplos do renascimento da ontologia marxista durante os anos de 1960. O principal tema de sua obra é o sistema dinâmico da atividade e do pensamento cotidiano.

³⁸ Mas nem por isso deixa de apresentar uma acepção das objetivações dos processos e subjetiva das práticas cotidianas.

Nesse contexto, pensar na vida cotidiana das rendeiras é uma ação que enseja compor através de suas práticas comuns “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir” (CERTEAU, 1994, p. 42), lembrando que “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos” (BERGER & LUCKMANN, 1998, p. 38), antes mesmo de o sujeito entrar em cena.

Berger e Luckmann (1998, p.39) explicam que a linguagem usada na vida cotidiana colabora na continuidade das necessárias objetivações, ela determina a ordem em que as objetivações adquirem sentido e, por conseguinte, gera significado às práticas comuns desenvolvidas pelos sujeitos. Desta forma, os autores afirmam que “a linguagem marca as coordenadas da vida [de cada pessoa] na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação”.

A escolha da História Oral como método está centrada na possibilidade de compreender a teia de relações humanas que se estabelece a partir das práticas cotidianas do grupo de mulheres rendeiras. A exposição oral permite a “retrospectiva de experiências próprias [e coletiva]³⁹ realizadas no universo cotidiano” (SCHUTZE, 2014, p. 13). O uso da oralidade é tomado nesse estudo como forma de evidenciar um “saber”, cuja “a maneira de fazer não tem legitimidade aos olhos de uma racionalidade produtivista”. O relato das rendeiras é uma forma de expor as maneiras de fazer desta atividade que por não estar associada ao aparelho técnico, “adquire valor de atividade ‘privada’, carregada com investimentos simbólicos relativos à vida cotidiana”, isto é, “funciona sob o signo das particularidades coletivas ou individuais” (CERTEAU, 1994, p.143-144).

O relato representa “a narrativização das práticas”, ele “seria uma ‘maneira de fazer’ textual”. “As imbricações sociais que ligam ‘as artes de dizer’ às ‘artes de fazer’ provocam a produção dessas práticas ora num campo verbal ora num campo gestual” (CERTEAU, 1994, p. 153).

Schutze (2014, p. 19-20) afirma que “como processo interacional do mundo da vida, o processo da narrativa está situado no marco de constelações socioculturais”. Para o autor, o fenômeno da “narração de história” pode ser sintetizado a partir da definição de que “o protótipo da narração de História contém reorganizações interpretativas e avaliativas – propostas na comunicação direta no universo do cotidiano – de experiências próprias de acontecimentos sociais”.

³⁹ Acréscimo nosso.

Dar voz as rendeiras é um meio de evidenciar os grupo de mulheres que “atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa”, e que “são invisíveis” (PERROT, 2013, p. 16-17) e, por certo, tem, conseqüentemente, suas práticas cotidianas não valorizadas.

4.1 A DIMENSÃO SOCIOLÓGICA DA MEMÓRIA

As reflexões do sociólogo Maurice Halbwachs, cujo livro *Memória coletiva* foi relançado no Brasil em 2006, representou durante muito tempo o esteio das discussões que a historiografia travou sobre o tema memória (SANTOS, 2007).

No prefácio de seu livro, Jean Duvignaud, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Orléans-Tours, comenta que Halbwachs “mostra que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à essa reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2003, p.08-09).

Montenegro (2013) afirma que, para Halbwachs, a memória é múltipla e trabalha com o vivido, ou seja, o que ainda está presente no grupo. Nessa mesma perspectiva, Seixas (2001, p.97) ao refletir sobre a sociologia da memória proposta pelo autor, comenta que para Halbwachs “a memória significa fundamentalmente reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente”.

Halbwachs (2003, p.29) afirma que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permanecem obscuras para nós”.

No texto, Halbwachs (2003) utiliza experiências pessoais para desenvolver as suas análises científicas sobre memória. Ele explica que a constituição da memória não ocorre de maneira isolada, mesmo se suas experiências tiverem sido construídas individualmente. O autor expõe que carregamos um pouco de cada pessoa em nós, o que nos leva a considerar os seus pontos de vista ao descrever um fato, um lugar ou acontecimento.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p.30).

Como pudemos observar no capítulo anterior, essa concepção de memória pode ser observada na trajetória de vida das rendeiras do Cariri Paraibano. Elas ao evidenciarem suas histórias de vida recorrem, com frequência, a lembranças que não foram vividas por elas, mas que, no entanto, fazem parte de suas memórias. Isso acontece porque “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência” (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p. 288). A forma como essas mulheres tecem os pontos e como explicam o processo do fazer são composições constituídas a partir de experiências coletivas, tendo em vista que a memória é sempre construída em grupo, mesmo sendo ela, sempre, um trabalho do sujeito (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993).

Eu fui aprender com 10 anos. Enquanto as mulheres teciam com o lacê e a linha monsieur crochê, eu tentei aprender com fiapos de pano, porque eu não tinha condição de comprar a matéria-prima. Eu pedia a minha mãe ourela de tecido, e daquela ourela eu fazia o lacê e dela também tirava os fios de onde eu comecei a aprender. Para mim foi muito importante. Logo em seguida, eu ganhei um novelo de linha pequenininho, que as mulheres faziam o alinhavo. Lembro-me muito bem! Quando as meninas viram a minha intenção e que eu estava realmente querendo aprender, elas me deram este novelo e fita bebê, que é um tipo de lacê. Eu tentei me aperfeiçoar mais um pouquinho em cima dessa fita bebê e desse novelinho de linha. Eu não sei se as outras meninas da minha época aprenderam assim, mas eu acho que não, porque as mães teciam e talvez dessem o material para elas aprenderem. Mas como eu não tinha como comprar, eu aprendi dessa maneira, porque a minha intenção era aprender (FATIMA SUELENE DE OLIVEIRA MEDEIROS, 2015⁴⁰).

Rodrigues (2011, p.105), ao trabalhar com a ideia de escritura e monumento explica que “nos documentos/monumentos foram sendo escritas, antes de nós mesmos, as histórias que dão coerência as nossas vidas”. A memória de ofício desenvolvida pelas rendeiras, a qual registra-se uma variação de pontos é um suporte de memória tanto coletiva quanto individual, que remete a escolha efetuada pelas forças que operam o desenvolvimento temporal.

Eu sei fazer o dois-amarrado com pipoca, dois-amarrado com mosca, São Paulo, caramujo, lua. Esses pontos foram os que eu aprendi vendo as outras rendeiras tecendo. Mas, eu também faço o ponto cocada, o três-solto, vassourinha, pilão, abacaxi, [...] tem o ponto que o povo chama xerém, chiclete, abacaxi de três. Faço a sianinha, o liós, a malha que a gente faz a bolinha e o pauzinho (MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA, 2015⁴¹).

Um pesquisador desatento poderia construir suas análises com foco apenas nas situações presentes, julgando o ato de fazer renda renascença, por exemplo, um processo

⁴⁰ Entrevista concedida ao autor em 05 de junho de 2015.

⁴¹ Entrevista concedida ao autor em 06 de junho de 2015.

mecânico de aprendizagem, no qual a menina ao observar uma rendeira tecendo e, por vezes, obtendo orientações de como fazer, aprenderia esse saber. Mas, ao analisar os testemunhos, o pesquisador atento observaria que o processo que leva a menina a aprender a tecer está permeado de marcas de um saber que é passado de geração a geração, isso porque existe um grupo de referência, composto por mulheres de um mesmo ambiente social que ao se relacionarem formam uma espécie de comunidade que materializa aspectos subjetivos, afetivos e sociais, que vão sendo incorporados na formação das meninas, que, com o passar do tempo, integram-se ao grupo de rendeiras. Nesse contexto, “é preciso, pois, religar os objetos de memória, os homens e os tempos, e fazer uma leitura desse memorial da vida humana, inserido num conjunto de lugares de memória” (RODRIGUES, 2011, p.105).

No caso das rendeiras do Cariri Paraibano, percebe-se que essa dinâmica é potencializada pelo fato de os membros dessa sociedade ainda manter traços típicos da moralidade das sociedades tidas tradicionais. Os municípios que formam o território da renda renasença, mesmo estando ligados a uma lógica global e complexa, ainda se relacionam de forma muito mecânica, tendo em vista que a “consciência coletiva” exerce sobre seus membros uma força que garante uma forte coesão social (DURKHEIM, 2010).

Essa situação permite que a memória de um grupo evidencie lembranças de eventos e experiências que dizem respeito à maioria de seus membros. Isso porque um considerável número de rendeiras possuem vínculos combinados umas com as outras, ou seja, de ordem familiar e cultural, sendo a cultural o grupo de referência (HALBWACHS, 2003).

Circunstancialmente, a memória se aproveita da memória dos outros porque existem muitos pontos de contato entre uma e outras, o que possibilita uma base comum à lembrança que é recordada e reconstruída. Esse processo só é possível devido os dados e noções que são incorporados no espírito do indivíduo e também no dos outros (HALBWACHS, 2003).

É importante ressaltar que “a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança” (HALBWACHS, 2003, p.42). Considera-se o fato de que a reconstituição de nosso passado é também formada por partes que vão além de uma reconstituição feita com matérias tomadas de empréstimo. Para explicar tal condição, Halbwachs (2003) utiliza o termo de *intuição sensível*, para se referir ao estado de consciência puramente individual, que é indispensável para formar a lembrança. Com efeito, observa-se que a memória coletiva mantém uma relação dialética com a consciência individual.

Dois exemplos dessa relação podem ser observados nas seguintes situações: i) quando uma rendeira relata que no período da infância ficava observando os movimentos das

mãos de mulheres que teciam renda renascença nas calçadas de suas casas ou debaixo de uma árvore; ou ii) quando evidencia lembranças de sentimentos e sensações que sentiu ao fazer alguma indumentária. Nos dois casos, recorre a sua intuição sensível que será preenchida pelas lembranças adquiridas durante o seu convívio com o grupo, efetivando a memória coletiva. Nesse contexto, Schmidt & Mahfoud (1993, p. 289) afirmam que

A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o ‘sentimento do já visto’. É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate⁴² destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro lado, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

Esse processo só é possível porque os grupos, no presente e no passado, permitem estabelecer um ponto de convergência, num quadro social de referência espaço-temporal. A memória, por sua vez, é este construto “de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si” (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p. 289).

Fechine (2013, p.108) ao discutir a memória das rendeiras, através do conceito de brasão, explica que

A Renda Renascença transmite uma memória de rendeira inserida numa imagem que é o ponto. A imagem da renda comunica e pode ser lida como um texto histórico e cultural em forma de escritura. Como brasão, significa a solidificação do grupo na construção de sua identidade, focalizando a multiplicidade de saberes.

Nesse cenário, a renda se torna objeto de lembrança (documento/monumento) que rememora experiências da mulher do campo. A memória é “[..] luz que ilumina a coisa significante. É o sujeito que valida o objeto (eu versus tu), que dá vida a coisa, tornando-a o significante dentre de outros significantes” – da construção de sua própria história e conseqüentemente da história do grupo (RODRIGUES, 2011, p.106).

Ao entrevistar uma rendeira perguntamos o que ela comprou com o valor da venda de sua primeira peça de renda renascença. Ela responde que foi um vestido e um chinelo.

⁴² Os folcloristas utilizam frequentemente o termo resgatar, mas a posição assumida neste estudo está pautada na perspectiva de evidenciar, tendo em vista que a memória das rendeiras está presente nas práticas cotidianas, sendo o compromisso do sujeito científico promover condições que possam trazer à tona aquilo que já está posto diariamente.

Após expor sua resposta, emociona-se. Esse ato de trazer a lembrança à tona é possível porque a rendeira foi estimulada a voltar a pensar em algo, ou seja, criou-se condições necessárias que permitiu a constituição de uma sequência de percepções pelas quais só pode passar de novo refazendo o mesmo caminho. Para Halbwachs (2003, p.53-54)

[...] quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço. Diferente de reflexões ou de ideias, as percepções – enquanto percepções – limitam-se a reproduzir os objetos exteriores, não contêm nada mais do que esses objetos e não podem nos conduzir além deles.

O estímulo à sequência de percepções serve para deixar o indivíduo, em determinada disposição física e sensível, favorável ao reaparecimento da lembrança.

A partir desse exemplo, nota-se que a lembrança evocada pela rendeira passou por dois níveis de testemunhos. “O primeiro nível de testemunho ao qual o indivíduo tem acesso, se dá na relação consigo mesmo, confrontando uma visão atual com as experiências vividas no passado ou com opiniões formadas anteriormente” (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p.290). A rendeira ao relembrar do vestido e do chinelo, realiza uma comparação entre a situação do passado com a do presente, isso fica visível quando ela relata que muitas mulheres da comunidade, inclusive ela, sustentaram seus filhos com o que ganhavam da venda de suas peças de renda renasçença. O segundo nível, “abrange a esfera do diálogo entre o indivíduo e um outro presente fisicamente ou internalizado” (SCHMIDT & MAHFOUD 1993, p.290). O trabalho da memória é compreendido a partir do confronto dos diferentes pontos de vista que coabitam no indivíduo.

Percebemos que os dois níveis de testemunhos mantêm uma interação que possibilita ao indivíduo observar uma realidade presente, recorrendo ao testemunho de sua experiência passada e ao testemunho de outros que destacam aspectos a serem notados (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993).

Na perspectiva de Rodrigues (2011, p.176), as narrativas das rendeiras “testemunham acerca dos elementos que estão presentes numa e noutra cultura, com prioridade de quem está atento aos acontecimentos sociais da localidade”. Elas “celebram o novo, inauguram acontecimentos, mediados pela experiência da transição”. Não é à toa que suas falas “se apresentam como confidências de um povo que se localiza na fronteira entre o ontem e o hoje, mas com vistas para o além, o amanhã”. O além” é concebido por Rodrigues (2011) a partir das

concepções de Bhabha. O autor explica que, segundo Bhabha (2001, p.19), o além “não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado”, é está “no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão [...] aqui e lá, de todos os lados [...], para lá e para cá, para frente e para trás.

As rendeiras, sendo de gerações diferentes, acabam tendo diferenciações em suas lembranças, tendo em vista “[...] as divisões do tempo – que são singulares para cada grupo e para cada homem. A divisão do tempo permite a constituição de uma lembrança enquanto tal, e sua distinção dentre outras lembranças numa cadeia de recordações” (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p.291). No entanto,

Em contraposição ao tempo que oferece continuamente a imagem da mudança, o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade. Os lugares recebem a marca de um grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p.291).

Os espaços que formam o território das mulheres rendeiras⁴³ permitem recordar uma maneira de ser comum aos indivíduos pertencentes de seus lugares, fazem lembrar, também, costumes distintos de outros tempos. “O saber-fazer renda une tempos históricos, gerações e criações, em uma luta pela sua valorização como produto artístico relevante” (FECHINE, 2013, p.106). Os espaços nessa circunstância se tornam lugares que materializam, por meio de um movimento dialético entre passado e presente, os objetos e as ações que dão a renda renascença uma memória social coletiva viva.

⁴³ Os cinco municípios do Cariri Paraibano: Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade e o fazer artesanal das rendeiras do Cariri Paraibano expandi o conhecimento cultural de um local. Valorizar as mulheres que fazem parte de um cenário no qual o homem é mediante as relações sociais, soberano é uma forma de gerar equidade nas relações de gênero.

Observa-se que o processo histórico que permitiu a difusão da renda renascença no Cariri Paraibano está carregado de esquemas culturais que, ao longo do tempo, materializaram-se na diversidade de riscos, nas variedades de pontos e na formação de gerações.

Tornar as memórias e as narrativas das rendeiras a linha e a agulha de uma investigação científica oportunizaram construções simbólicas e sociais que envolveram o reconhecimento de novas percepções na formação identitária dos sujeitos que fazem parte do universo da renda renascença. A descoberta do passado foi parte do processo conflituoso e contestatório que deslocaram perspectivas da identidade até então não essencialistas⁴⁴ (KATHRYN, 2012).

À medida que as histórias eram narradas, as rendeiras se inteiravam das experiências que as constituíram durante o percurso histórico de suas vidas, enquanto sujeitos sociais individuais e pertencentes a um determinado grupo. As tramas de linguagem trouxeram à tona “corpos molhados de histórias, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados, mas não desfeitos, de saudades” (FREIRE, 2011, p. 17) de saberes e fazeres próprios das mulheres rendeiras.

Quando faço renda, me sinto interessada em aprender alguma coisa a mais que eu possa aprender. Puxar mais linha [...] Fico com aquela vontade de fazer bem feito, de fazer um melhor acabamento. Aprender mais. A sensação é essa, de aprender mais. Eu sinto prazer. Eu não fiquei aqui em depressão, triste⁴⁵ (corta a fala) [...] Agradeço a Deus que me livrou dessa tristeza e ao meu serviço (Biúm, pausa um momento - emocionada, seus olhos se enchem de lágrimas). Isso eu digo com todo prazer. Ser rendeira para mim é tudo. (Em um misto de emoção e ansiedade, as mãos da rendeira se agitam e batem repetidas vezes na almofada). É um trabalho muito bonito (MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA, 2015).

⁴⁴ A perspectiva essencialista se baseia no conjunto cristalino, autêntico, de características que os sujeitos partilham e que não se altera ao longo do tempo. A perspectiva não essencialista focaliza-se nas diferenças e nas formas pelas quais a definição daquilo que significa ser o sujeito tem mudado ao longo dos séculos (WOODWARD, 2012, p.12).

⁴⁵ Referindo-se a perda do filho.

A composição dos caminhos percorridos na construção de um conhecimento com base na perspectiva cultural fez das interações dos textos e discursos entrelaçados pelo lacê, que traça o hibridismo das práticas cotidianas e, que por sua vez, estrutura as tramas que compõem o todo, objetos de sensibilidade, de saberes, e antes de tudo, horizonte de vida. Assim, como uma peça de renda renascença, esse estudo carrega em suas tramas símbolos, representações, histórias e memória. Ampliar os sentidos e os significados dessa experiência é uma forma de garantir a pluralidade dos contextos e dos sujeitos.

A subjetividade contida nas falas evidenciou uma autenticidade que é singular a mulher caririzeira e rendeira. A partir do desvelamento da realidade, isto é, das tramas vividas, notamos que ser rendeira é conquista, é ser independente, ter fonte de renda, ter prazer, ser feliz, aprender a valorizar as coisas simples, sair da depressão... O trabalho com a renda renascença é um exercício de alma.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: histórias dentro da história. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- ALBUQUERQUE, Else de F; MENEZES, Marilda. O Valor Material e Simbólico da Renda Renascença. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, Volume 15, número 2, maio-agosto de 2007, p. 461-467. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/381/38115213.pdf>> Acessado em 10 jul. 2014.
- AREND, Silvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. SOBRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: Entrevista com o historiador Henry Rousso ABOUT THE HISTORY OF PRESENT TIME: Interview with Henry Rousso. **Tempo e argumento**, v. 1, n. 1, p. p. 201-216, 2009.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vozes, 1994.
- COELHO, Franklin. Desenvolvimento Local e Construção Social: o território como sujeito. In: SILVEIRA, Caio Marcio e REIS, Liliane da Costa. **Desenvolvimento Local: dinâmicas e estratégias**. Rio de Janeiro: DLIS, 2001.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DURAN, Maria Renata da Cruz.; BENTIVOGLIO, Julio. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, n. 30, p. 213-244, 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/6162/4503>> Acessado em 25 jun. 2015.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EUFRASIO, Mário A. El Campesino Polaco en Europa y en América. **Cadernos CERU**, v. 19, n. 2, p. 237-240, 2008.
- FECHINE, Ingrid Farias. “Escritura da Renda Renascença: memória de rendeiras, brasão do saber-fazer” In.: ASSIS, Cássia; NASCIMENTO, Robéria; FECHINE, Ingrid. **Tecendo fios de saberes convergentes: escrita, educação e memória**. Campina Grande/PB: EDUEP, 2013.
- FECHINE, Ingrid Farias. A construção cultural e identitária das rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM): entre o amor e a sobrevivência pela renda renascença. **COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE**, v. 5, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, São Paulo, nº1, p.19-30, jun. 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA, Rafael de Farias. **Projeto Pacto Novo Cariri**: Uma abordagem geográfica acerca das mulheres rendeiras no Cariri Paraibano. Guarabira, 2010a (Trabalho Monográfico do Curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. Universidade Estadual da Paraíba).

FERREIRA, Rafael de Farias. **Solidários ou Capitalistas?** O caráter dualista dos empreendimentos das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Campina Grande, 2010b (Trabalho Monográfico do Curso de Especialização em Economia Solidária e Autogestão. Universidade Federal de Campina Grande).

FERREIRA, Rafael de Farias; AZEVEDO, Luciano de. **Todas as Marias**. Monteiro: Carabinas Produções, 2010.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 03-11, 2000.

GOFFMAM, Erving. *Estigma* – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. 1981. Disponível em: <<http://www.se-rj.com.br/IBMR/TEXTOS%20IBMR/institucional2011sem-01noite/ESTIGMA.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história (1970)**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KATHRYN, Woodward. **Identidade e diferença**: uma introdução. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 11ª Edição, Petrópolis: Vozes, p. 134, 2012.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>> Acessado em: 05 abr. 2015.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In.: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto) bibliográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARIANO NETO, Belarmino; SALES, Luís Gustavo de Lima; SILVA, Ricélia Maria Marinho da. Referenciais Curriculares do Ensino Médio do Estado da Paraíba. **Geografia: textos complementares**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 2007.

MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. Renda, rendeira, renascença: seleção/exclusão de sujeitos e bens culturais no processo de valorização patrimonial. In.: LIMA, Greilson José de; OLIVEIRA, Kelly Emanuely de; CONCEIÇÃO, Joanice Santos; TELLA, Marco Aurélio Paz.(Org.) **Ética Antropológica em Debate: Práticas e Narrativas – João Pessoa**: Ed. Universitária da UFPB, 2012.

MONTEIRO, Silvana Drummond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. **VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, out. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ciberespaco/doc/xii_cong_bib_doc.pdf> Acessado em: 01 mai. 2017.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NÓBREGA, Christus. **Renda Renascença**: uma memória de ofício paraibana. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2005.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Trajetórias e desafio no percurso da história oral brasileira. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. (orgs.). **Depois da utopia**: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz. Fapesp, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2013.

RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História Oral Brasileira: trajetórias e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, ano 3, n. 6, dez. 2011.

RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2014.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. Textos, discursos e sujeitos híbridos: a plasticidade cultural contemporânea à luz da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu. In: **VI Congresso Internacional da ABRALIN**. 2009.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas**. João Pessoa: UFPB, 2011. Tese de Doutorado. Tese de doutorado.

ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Roiz.pdf>. Acesso em 28 mai. 2017.

SCHÜTZE, Fritz. Análise sociológica e linguística de narrativas. **Civitas Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 11-52, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewArticle/17117>> Acessado em 25 set. 2015.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia Usp**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SANTOS, Márcia Pereira dos. História e Memória: desafios de uma relação teórica. **OPIS**, vol. 7, nº 9, jul. - dez. 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. (orgs.). **Depois da utopia: a história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz. Fapesp, 2013.

SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. **História**, p. 93-108, 2001.

SILVA, Gezenildo Jacinto da. **RENDAS QUE SE TECEM, VIDAS QUE SE CRUZAM: Tramas e vivências das rendeiras de Renascença do Município de Pesqueira/PE (1934-1953)**. Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2013. Orientador: Prof. Dr. Severino Vicente da Silva.

SILVA, Helenice Rodrigues da. " Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf>> Acessado em 25 jun. 2015.

TEODÓSIO, Armindo. Escola de Chicago: heranças para o pensamento social contemporâneo sobre as cidades. In: **XI Congresso Brasileiro de Sociologia, setembro/2003, Campinas**. 2003.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI**. Editora Fiocruz, 2006.

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Data de Nascimento:

Estado civil:

1. Quando você aprendeu a fazer renda renascença?
2. Com quem aprendeu?
3. Por que se interessou a aprender o fazer da renda renascença?
4. Frequentou a escola? Estudou até que série/ano?
5. Quem mora com você?
6. O que a família acha do seu trabalho?
7. Além da renda renascença, você desempenha outro trabalho?
8. Quais são os pontos que você mais gosta de tecer?
9. Quantos pontos que você sabe fazer?
10. Na sua família existem outras pessoas que fazem renda renascença?
11. O seu trabalho é valorizado pela comunidade?
12. Hoje, porque você faz renda renascença?
13. Um dia a renda renascença poderá sumir da região/município?
14. Como você se sente ao fazer renda renascença?
15. O que é ser rendeira para você?